



GLEUCIMAR ROMANA FARIA

MORTE E LUTO NA ESCOLA: como lidar com esta realidade pós-pandemia

**TRÊS CORAÇÕES – MG
2021**

GLEUCIMAR ROMANA FARIA

MORTE E LUTO NA ESCOLA: como lidar com esta realidade pós-pandemia

Dissertação de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional apresentado à Universidade Vale do Rio Verde (UninCor) como parte das exigências do programa de Mestrado Profissional em Gestão Planejamento e Ensino para obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Gestão, Planejamento e Ensino

Orientador: Dr. Francisco de Assis Carvalho

TRÊS CORAÇÕES
2021

393.7:37

F224m FARIA, Gleucimar Romana

Morte e Luto na Escola : como lidar com esta realidade pós-pandemia. – Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde, 2021.
69 f.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Carvalho

Dissertação – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações/
Mestrado em Gestão, Planejamento e Ensino.

1. Morte e Luto. 2. Escola. 3. Gestores e Professores. 4 Covid 19. I.
Prof. Dr. Francisco de Assis Carvalho, orient. II. Universidade
Vale do Rio Verde de Três Corações. III. Título.

Catálogo na fonte

Bibliotecária responsável: ERNESTINA MARIA PEREIRA CAMPOS DANTAS CRB6: 2.101

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADO POR GLEUCIMAR ROMANA FARIA, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE NO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO, PLANEJAMENTO E ENSINO.

Aos trinta e um dias do mês de maio de dois mil e vinte e um, reuniu-se, remotamente, a Comissão Julgadora, constituída pelos professores doutores: Prof. Dr. Antônio dos Santos Silva (UninCor), Profa. Dra. Terezinha Richartz (UninCor) e Profa. Dra. Maria de Fátima Nascimento (UFPA), para examinar a candidata Gleucimar Romana Faria na defesa de sua dissertação intitulada: "MORTE E LUTO NA ESCOLA: COMO LIDAR COM ESTA REALIDADE PÓS-PANDEMIA". O Presidente da Comissão, Prof. Dr. Antônio dos Santos Silva, iniciou os trabalhos às 15:00 hs, solicitando à candidata que apresentasse, resumidamente, os principais pontos do seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente a candidata sobre diversos aspectos da pesquisa e da dissertação. Após a arguição, que terminou às 16:40 hs, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho da candidata, tendo chegado ao seguinte resultado: Prof. Dr. Antonio dos Santos Silva (APROVADA) Profa. Dra. Terezinha Richartz Santana (APROVADA) e Profa. Dra. Maria de Fátima Nascimento (APROVADA). Em vista deste resultado, a candidata Gleucimar Romana Faria foi considerada (APROVADA), fazendo jus ao título de Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino.

Três Corações, 31 de maio de 2021.

Novo título (sugerido pela banca):



Prof. Dr. Antônio dos Santos Silva (UninCor)



Profa. Dra. Terezinha Richartz (UninCor)



Profa. Dra. Maria de Fátima Nascimento (UFPA)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Poliana, minha irmã, que talvez sem que eu percebesse, foi a maior incentivadora desta escolha. Você sempre esteve e sempre estará presente em minha vida e no meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele eu não chegaria até aqui.

Aos meus pais, José e Terezinha, pelo apoio. Em principal, a minha mãe, que tanto se esforçou ao longo da vida para dar aos seus filhos aquilo que ela diz ser a maior herança, a formação.

Ao meu irmão Neimar, por estar sempre presente e pelo apoio.

Aos meus sobrinhos, Diogo e Gabriela, por alegrar meus dias.

Ao meu namorado Leandro, pela paciência e palavras de ânimo.

Ao meu orientador, Dr. Francisco Assis de Carvalho, pelos ensinamentos passados e, mesmo com dificuldades, esteve comigo até o fim.

Aos professores e à Universidade Vale do Rio Verde, pelos ensinamentos que levarei para a vida.

Aos meus colegas de mestrado, pelas conversas e palavras de incentivo. Thaíse, Jackson e Léo, obrigada por me ouvir e ajudar nos momentos difíceis.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram e estiveram comigo nesta caminhada.

RESUMO

Este trabalho tem como pressuposto apresentar a importância de se discutir e trabalhar o tema da morte e do luto na escola, tendo, como fator relevante, o contexto atual gerado pela pandemia do coronavírus- COVID 19. O foco principal desta pesquisa é apresentar possibilidades teóricas e práticas para a lida da questão, bem como instrumentalizar os gestores escolares para que, juntamente com os seus professores, possam abordar o tema da morte e do luto com naturalidade e de acordo com as orientações dos estudiosos da temática na área da psicopedagogia. A realização desta pesquisa, na atual conjuntura mundial, é de grande importância, pois oportuniza, aos educadores, proporcionar atividades e práticas que permitam que seus alunos falem sobre os seus sentimentos e emoções gerados pelas perdas envolvendo situações de morte e de luto. Assim, vislumbra-se amenizar o sofrimento e contribuir para que crianças e adolescentes sejam saudáveis, já que, quando não se fala de uma dor, ela quase sempre leva ao adoecimento. A fundamentação da pesquisa é de base bibliográfica junto aos principais teóricos que se debruçaram sobre a questão, tendo público-alvo da pesquisa de campo a escuta de gestores e diretores das escolas públicas municipais da cidade de Formiga/MG, por meio de um questionário participaram sete (07) diretores escolares. Constatou-se que o tema, considerado tabu, é quase sempre evitado e pouco abordado pela escola, de maneira que oriente de forma natural e objetiva sobre a morte e o luto e as reações desencadeadas na vida da criança e do adolescente. Isso se deve à falta de preparo da escola e de seus agentes envolvidos no processo educacional.

Palavras-Chave: Morte e Luto. Escola. Gestores e Professores. Covid-19.

ABSTRACT

This paper aims to present the importance of discussing and working with the theme of death and mourning at school, having, as a relevant factor, the current context generated by the pandemic of coronavirus- COVID 19. The main focus of this research is to present theoretical and practical possibilities for dealing with the issue, as well as to provide school managers with the tools to, along with their teachers, approach the theme of death and mourning naturally and in accordance with the guidelines of scholars in the area of psycho-pedagogy. This research, in the current world situation, is of great importance, because it gives educators the opportunity to provide activities and practices that allow their students to talk about their feelings and emotions generated by losses involving situations of death and mourning. Thus, we aim to ease suffering and contribute to children and adolescents being healthy, since, when grief is not talked about, it almost always leads to illness. The research is bibliographically based on the main theoreticians who have addressed the issue, and the target audience of the field research was managers and directors of municipal public schools in the city of Formiga / MG, through a questionnaire participated seven (07) school directors. It was found that the subject, considered taboo, is almost always avoided and little addressed by the school, so that guides in a natural and objective way about death and mourning and the reactions triggered in the lives of children and adolescents. This is due to the lack of preparation of the school and its agents involved in the educational process.

Keywords: *Death and Mourning. School. Managers and Teachers. Covid-19.*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Presença ou ausência de discussões sobre morte e luto.....	43
Tabela 2 – Ações de acolhida existentes na escola	44
Tabela 3 – Importância de abordar ‘morte e luto’ na escola	44
Tabela 4 – Vivência anterior de morte e luto na escola	45
Tabela 5 – Como abordar a morte e o luto na escola?.....	45
Tabela 6 – Sugestões para a melhor abordagem do tema.....	46
Tabela 7- Dificuldades existentes na abordagem do tema pelos profissionais	47
Tabela 8 – A formação dos profissionais condiz com a importância da temática?.....	47
Tabela 9 – É importante formar gestores e profissionais da educação para trabalhar ‘luto e morte’ na escola?	48
Tabela 10 – A relevância de ter uma disciplina escolar específica para se trabalhar ‘luto e morte’ na escola	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1	A morte como percurso natural do desenvolvimento humano	16
2.2	Representação histórica da morte	18
2.3	O morrer nos dias de hoje	20
2.4	Conceito de morte na criança.....	21
2.5	Luto e perda.....	24
2.6	O processo de luto e seus estágios	27
2.7	O luto nos tempos da COVID-19	28
2.8	Criança também fica de luto	29
2.9	A experiência dos profissionais da educação/gestores para lidar com crianças enlutadas.....	32
2.10	Parceria família-escola e o enfrentamento do luto.....	36
3	MATERIAL E MÉTODOS	41
3.1	Delineamento do Estudo	41
3.2	Tipo e abordagem de pesquisa	41
3.2.1	Caracterização das Instituições de Ensino investigadas.....	41
3.3	Coleta de Dados	42
3.4	Análise de Dados	Erro! Indicador não definido.
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	50
4.1	Existência, ou não, de um diálogo escolar sobre ‘morte e luto’	50
4.2	A compreensão da gestão sobre a relevância da temática	50
4.3	A abordagem do tema ‘luto e morte’	51
4.4	Ações de acolhida	51
4.5	Vivência de situação de morte no ambiente escolar	52
4.6	A relatividade em lidar com o luto	52
4.7	O preparo dos profissionais da escola	53

4.8 A morte e o luto como questões transdisciplinares	54
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO.....	55
5.1 Avaliação do Produto Técnico Tecnológico Desenvolvido.....	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A – CARTA DE AUTORIZAÇÃO	64
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	65
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO	68

1 INTRODUÇÃO

O nascer e morrer são intrínsecos à condição do ser vivo, entretanto, a morte é, certamente, um dos grandes mistérios da vida e um dos maiores desafios a ser enfrentado pelo ser humano. Se o morrer é a ação contrária do viver, ele representa o ponto final de uma jornada de sonhos e esperanças, realizações e projeto, traduzindo a ideia de finalização e de paralização das funções vitais do corpo humano. É o fechamento da vida temporal na dimensão histórica da corporalidade. Já, o luto, de *luctus*, no latim, pode ser compreendido como uma reação à uma impactante perda. É uma resposta ao que foi perdido e que se processa por meio de reações cognitivas, comportamentais, físicas e emocionais (CARVALHO, 2014, p. 05). O luto não se relaciona somente às situações de morte, mas é um fenômeno que acontece também quando se têm perdas de oportunidades, experiências que não voltam mais, grandes mudanças, fins de relacionamentos, mudanças de emprego e outras situações de rompimentos. Ainda de acordo com Carvalho (2014). O luto pode ser compreendido como “um processo adaptativo que se dá diante de uma perda significa que pode ser real ou simbólica” (CARVALHO, 2014, p. 26).

A realidade da morte, em todos os tempos, culturas e civilizações sempre levantou interrogações para as quais a ciência, a filosofia e a religião procuraram encontrar respostas. O impacto da morte de um ente querido provoca uma reação emocional intensa, levanta questionamentos diversos e desperta sentimentos confusos. Este acontecimento é algo avassalador e que fere profundamente o enlutado, de maneira ainda mais contundente quando o enlutado é uma criança ou adolescente.

Quando se trata do mundo escolar, embora a morte faça parte do cotidiano dos estudantes, a escola não contempla, em seu currículo, essa temática. Embora, existam autores que justifiquem e defendam a inclusão desse tema nos currículos das instituições de ensino, considerando que este deva ser um fator educativo do espírito e que, conseqüentemente, proporciona ao educando uma consciência de si, percebe-se que o tema é quase sempre omitido ou tratado como tabu no cotidiano escolar, nem sempre encontrando espaço para ser enfrentado pelos alunos e pela comunidade escolar.

Esta pesquisa inicialmente tinha como pretensão contemplar toda a comunidade escolar, envolvendo professores e gestores escolares para saber mais sobre a questão. Entretanto, devido às dificuldades trazidas pela Pandemia da Covid-19, no que se refere ao distanciamento social e à modalidade de ensino não presencial, a pesquisadora forçosamente teve que optar por contemplar em sua pesquisa de campo somente gestores de escolas, embora

as questões teóricas sejam discutidas no âmbito não somente da gestão escolar, mas também da prática docente e na relação professor x aluno.

A morte se configura como tema de amplitude multidisciplinar e extremamente complexo, que passa por diferentes configurações, de acordo com a cultura, a religião, a antropologia, a medicina e a sociologia.

Para a criança, a compreensão da morte é um processo que representa um desafio intelectual e afetivo. Nesse processo, a criança irá, inicialmente, perceber a morte como a ausência do outro; depois, acrescentará o aspecto da irreversibilidade dessa ausência, para, em um momento posterior, agregar a noção da universalidade da morte, ou seja, compreender que ela também morrerá (FRONZA *et al.*, 2015).

Em se tratando da questão de como a escola lida com a morte e o luto, podem-se elencar questionamentos, tais como: o que a escola pode fazer para ajudar a criança e o adolescente enlutados? O que a escola tem a oferecer a eles quando passam por este enfrentamento? Qual seria o mais adequado manejo para essas situações?

É por essas e outras inquietações que este tema tornou-se razão da presente pesquisa, que tem com pressuposto compreender o modo como a escola lida com a morte e o luto, e de que maneira deve trabalhar esta questão de fundo real e existencial que atinge todas as pessoas, sejam elas quais forem e, estejam elas em qualquer faixa etária de suas vidas.

Percebe-se, quase sempre que, na escola, o luto é marcado pelo silêncio, situação essa que priva as crianças e adolescentes que passam por esta situação de receber o apoio e incentivo necessários para sua superação. Isto não difere da sociedade em que vivemos. Segundo Aquino *et al.* (2014), a forma pela qual nossa sociedade tem lidado com a morte, negando-a sistematicamente e reprimindo as expressões de dor diante dela tem dificultado o processo do luto sadio, gerando uma série de consequências psíquicas negativas que podem levar ao surgimento de doenças físicas e emocionais.

Esta constatação faz com que os estudiosos da questão destaquem a importância de um tempo e espaço adequados para que se possa vivenciar o luto, expressar o sofrimento e elaborar a perda. Há um tempo a ser considerado que exige atenção e cuidado com o enlutado e com todos os envolvidos em situações de perda. Há um tempo que precisa ser contemplado para que a vida possa ter continuidade.

Essas afirmações evidenciam a importância desta pesquisa, uma vez que, na atualidade, percebe-se a existência de escassa bibliografia sobre o assunto e pouca pesquisa que confronte a questão da relação morte e luto na escola, o que justifica também a feitura deste

estudo, na intenção de contribuir para despertar essa consciência nos gestores e educadores para a problemática levantada.

A inexistência de uma disciplina específica que aborde o tema da morte e do luto na escola e que fale abertamente sobre questões e as reações suscitadas perante ela, contribui – certamente - para uma total falta de conhecimento e concepção do que está acontecendo naquele momento na vida da criança, dificultando lidar com a questão de maneira natural e, ao mesmo tempo, contribuindo para que surjam comprometimentos comportamentais e, muitas vezes, patológicos.

Evidencia-se, de maneira recorrente, uma limitação por parte dos educadores ao ter que se abordar esse tema no ambiente escolar, seja por não saber como falar ou até mesmo o que dizer, uma vez que a morte é vista como um tema tabu.

Como motivação para a construção do estudo considera-se a necessidade existente de se falar acerca de sentimentos e emoções, principalmente aos relacionados a situações que envolvem a questão da morte e do luto com as crianças e adolescentes. De acordo com Fronza *et al.* (2015), a concepção atual da morte como algo a ser ocultado, aliada à crença da necessidade de proteger as crianças de aspectos dolorosos da vida, leva grande parte dos adultos a evitarem abordar este tema com naturalidade. Quando os adultos ocultam a morte a uma criança e adolescente, sob a justificativa de poupá-los da dor, não estão poupando-os da dor da perda, e sim, estão poupando a si próprios da dor da explicação desta perda. Os autores supracitados ressaltam que este ocultamento perturba o vínculo da criança com o mundo adulto e que falar da morte de uma pessoa significativa para a criança, ao contrário de propiciar dor, pode ajudá-la na elaboração do luto; além disso, falar reforça a confiança que a criança tem no adulto, fazendo-a sentir que aquele é alguém a quem pode recorrer.

Assim, lidar com a morte e o luto no mundo da escola é um processo difícil e, muitas vezes, os envolvidos nesse processo, que são os familiares e os professores, não conseguem ter a sensibilidade para perceber que esses acontecimentos precisam ser enfrentados e trabalhados. Esse comportamento, na maioria das vezes, favorece a ocorrência de atitudes inadequadas por parte dos gestores e professores que, nesses momentos, necessitam reconhecer as perdas sofridas e associá-las diretamente ao cotidiano da criança.

Tendo em vista a imensa gama de pesquisadores que desenvolveram teorias sobre a questão da morte e do luto, para o desenvolvimento deste trabalho que relaciona a escola e o papel dos educadores, optou-se pelos seguintes autores: Kóvacs (2003), Paiva (2011), Kübler-Ross (2008), Sartori (2018), Naletto (2005), entre outros pesquisadores importantes.

A presente pesquisa está ordenada da seguinte maneira:

Inicialmente, apresenta-se, na Fundamentação Teórica, os conceitos de morte e luto, participação da família e escola no enfrentamento ao luto e a experiência do gestor para lidar com crianças enlutadas.

Depois, enfeixam-se no Material e Métodos, o delineamento do estudo contanto com local e coleta dos dados.

Apresenta-se, como parte inerente à pesquisa, um produto técnico tecnológico originado a partir deste trabalho, que possui o intuito de auxiliar gestores e professores em suas práticas pedagógicas com questões de morte e luto.

Finalmente, os resultados, discussões e considerações foram feitas a partir do diálogo obtido por meio do questionário com diretores a frente de escolas sobre a temática principal do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A morte como percurso natural do desenvolvimento humano

A morte, a última etapa do ciclo vital, e o morrer são temas que provocam muitas discussões, pois eles remetem à percepção da impotência humana sobre a vida, por mais que se tenha conhecimento disso ao longo do desenvolvimento humano desde a mais prematura idade.

É necessário destacar que o significado da morte e suas repercussões, mudam conforme o momento do ciclo vital em que ela ocorre. Quando se trata de uma criança ou adolescente, o conceito da morte assume características mais dramáticas, por exemplo, do que quando ocorre no final da vida. Na idade adulta, por exemplo, presencia-se esse fato como algo real. É na velhice, contudo, que a morte parece ser mais aceita, talvez pelo fato dessa etapa ser vista como a última no ciclo do desenvolvimento humano.

Portanto, no processo de elaboração do luto pela perda de morte, devem ser consideradas as características emocionais de cada período do ciclo de vida e as circunstâncias da morte, ou seja, se foi ocasionada por doença, acidente, suicídio, violência, entre outros motivos. Assim, obtém-se uma maior compreensão das repercussões da morte na vida de um indivíduo e também nas relações que entrelaçam a sua vida, tais como família e escola.

Contudo, ao se debruçar sobre este tema, sabe-se que este é um assunto que amedronta, seja ele pai ou mãe, educador, profissional da saúde, idoso, jovem ou criança, uma vez que envolve aspectos delicados da vulnerabilidade e fraqueza humanas. Ainda há uma ignorância por não saber lidar com o fim da existência e de ser incapaz de controlar os acontecimentos, aumentando, dessa forma, o sentimento de insegurança e fragilidade diante do desconhecido. Afinal, embora a morte faça parte da vida, o indivíduo deseja se privar de sua existência, seja negando-a ou apenas não se lembrando de que ela exista.

É interessante a ação que se aplica para esconder a realidade da morte ao mesmo tempo em que ela salta aos olhos, diariamente, por meio da mídia em lares, escolas, ambientes de trabalho. Tal como no atual momento em que se vive, no mundo marcado pela Covid-19, onde as cenas da morte se desenham em todos os momentos pela televisão e o mundo eletrônico, na paisagem das UTIs e cemitérios e inúmeras situações de enlutamento que são apresentadas sem nenhum filtro e de maneira próxima e existencial, de maneira rotineira. Os números de mortos que superam os de nascimento. Esta situação obrigatoriamente conduz o pensamento para a morte e para o morrer.

Para Kübler-Ross (2008) há muitas razões para se fugir do momento de encarar a morte. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, mecânico e desumano. Importa lembrar, porém, que o curso da vida encaminha-se para a morte, desde os conceitos clínicos, psicanalíticos, históricos, sociológicos, antropológicos, religiosos ou literários, sempre existe uma máxima de que a vida tem seu percurso final.

É comum que o homem tema a morte sim, por ela ser desconhecida, por ela lembrar sempre da vulnerabilidade que assola a todos diante deste desconhecido. Talvez, por este motivo, o assunto morte tenha se tornado um tabu. Entre grandes e pequenos, adultos e crianças, ou jovens e velhos, o assunto passou a desaparecer, pois evita-se falar e conversar sobre ele.

Segundo Kübler-Ross (2008) quando cada ser volta no tempo e se estuda povos e culturas antigas, gera a sensação de que o homem sempre abominou a morte e que, supostamente, sempre a negará. Sabe-se que, também, há culturas que lidam de forma positiva com a morte, o que não é a realidade da cultura analisada neste trabalho.

O fato de se negar a morte pode ter origens diferenciadas, podendo ser psicológicas ou mesmo culturais. Entre as psicológicas, destacam-se: a negação, a repressão, a racionalização e o deslocamento, como mecanismos de defesa que operam na proteção de *Ego*, para assegurar a própria segurança do indivíduo.

Freud (1976 *apud* VOLPI, 2008) em sua Teoria Psicanalítica descreve diversos estágios de defesa. Entre eles destacam-se alguns relevantes para compreender o porquê se nega a morte:

- Negação - o sujeito recusar-se a reconhecer a existência de uma situação real ou os associados a ela.

- Repressão - retirada de ideias, afetos ou desejos perturbadores da consciência, pressionando-os para o inconsciente.

- Racionalização - o processo de achar motivos lógicos e racionais aceitáveis para pensar e ações inaceitáveis; procurar desculpas que justifiquem o comportamento.

- Deslocamento - é a transferência de sentimentos de um alvo para outro, que é considerado menos ameaçador ou é neutro redirecionamento de um impulso para um alvo substituto.

- Regressão - é quando o sujeito retorna ao nível anterior de desenvolvimento, aliviando assim a ansiedade para escapar da realidade que o cerca, frequentemente agindo com atitudes infantilizadas.

- Isolamento- é o distanciamento de um objeto ou pessoa que lhe causa desconforto por algum motivo.

O grande problema, portanto, de ausentar a consciência deste estágio da vida que é o morrer, é que a morte passa a ser banalizada, não sendo dado a ela o seu devido valor, tornando o indivíduo menos humano, menos consciente de sua mortalidade. Pode-se afirmar, dessa forma, que a conscientização da morte se faz necessária até para que os outros estágios do desenvolvimento humano não fiquem comprometidos.

Segundo Paiva (2011, p. 35) “[...] é a conscientização da finitude, da condição humana, de singularidade como mortais que abre a possibilidade de pensar em humanização”. Portanto, não é mais possível negar a morte, é preciso acreditar e lembrar que ela existe. As pessoas morrem de fato, e não mais isoladamente, mas em grande número, às vezes dezenas de milhares em um só dia, conforme foi observado durante a pandemia.

Finalmente, conforme afirma Kübler-Ross (2008), os pacientes que reagem melhor à morte e vivenciam o processo de luto, e constroem um melhor processo adaptativo são aqueles que são encorajados a extravasar sua raiva, a chorar, a comunicar seus medos e fantasias e a falar a quem possa ouvir.

2.2 Representação histórica da morte

A representação da morte e a maneira como o homem tem se defrontado com a morte sofreu grandes mudanças ao longo do tempo. Isso pode ser observado por meio dos rituais, da aceitação e das cerimônias de luto que acontecem de formas distintas, em conformidade com a cultura local.

A morte, caracterizada pela insegurança e pelo medo do desconhecido, já passou por diversas tentativas de explicação das mais variadas culturas, que buscaram prováveis respostas nas religiões, filosofia, mito e na arte, a fim de amenizar suas possíveis inquietações.

A morte mostra-se importante na sociedade conforme afirma Giacoia (2005) que a maneira de posicionamento de uma sociedade diante da morte e do morto tem um papel importante por dar continuidade de sua identidade coletiva e a formação da tradição cultural comum.

Segundo Philippe Ariès (2001), na primeira Idade Média, a morte era considerada comum, ou seja, o morrer era um fato recorrente da época, devido à expectativa de vida muito

baixa. Era comum que familiares e amigos não fizessem grandes manifestações de luto. Era comum que fossem enterrados dentro e fora de igrejas, conforme sua condição social.

Na segunda Idade Média houve grandes mudanças na concepção de morte. No ocidente a partir do século XII, após a morte, cabia à Igreja direcionar o enterro e interceder a entrada da alma ao paraíso. Assim, a morte não era mais algo natural e sim uma provação (ARIÈS, 1989).

Ao final do século XVII, os indivíduos já estavam habituados com os mortos, pois entendiam que assim era a lei da natureza. No século XVIII, por sua vez, a concepção de morte perante o homem altera-se novamente, de maneira que ela passa a ser romantizada e o homem passa a ter ideia da morte. É o início da consciência da interrupção da vida e sua transcendência a outro mundo. A partir de então, os enterros passaram a deixar de acontecer nas igrejas e deslocaram-se para os cemitérios.

Ao findar-se a Idade Média, a morte começa a ter uma forte carga emocional, vista como a interrupção da vida cotidiana. Ela deixa de ser familiar e passa a não ser mais aceita pelo homem.

Entretanto, a partir do século XIX, a morte passa a incomodar, o luto ocorre de forma exagerada e vem acompanhada da não aceitação pelos sobreviventes, por sua vez, não foi alterada a familiaridade com a morte e os mortos (ARIÈS, 1989).

Em meados do século XIX, a morte passa a ser vergonhosa, a partir de então ela é omitida para aquele que vai morrer; além disso, ela deixa de acontecer no domicílio. De acordo com Chiavenato (1998), com a urbanização e industrialização, a morte passa a acontecer no hospital, longe da família. O velório também deixa de ser realizado em casa, pois cada vez mais a presença do morto passa a ser menos tolerada.

Com isso, os rituais tornam-se cada vez mais discretos, visto que a morte passa a ser tabu. As cerimônias tornam-se cada vez contidas e as emoções minimizadas, manifestas com condolências breves a fim de preservar-se de grandes emoções.

Constata-se, a seguinte ocorrência,

Depois dos funerais, o luto propriamente dito. O dilaceramento da separação e da dor da saudade podem existir no coração da esposa, do filho, do neto; porém, segundo os novos costumes, eles não deverão manifestá-los publicamente. As expressões sociais, como o desfile de pêsames, as “cartas de condolências” e o trajar luto, por exemplo, desapareceram da cultura urbana. Causa espécie anunciar seu próprio sofrimento ou mesmo demonstrar estar sentindo-o. A sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais e mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas, de uma forma análoga à masturbação. O luto associa-se à

ideia de doença. O pratear equivale às excreções de um vírus contagioso. O enlutado deve doravante ficar isolado, em quarentena (MARANHÃO, 1986, p. 18-19).

Existem conceitos que indicam que a negação da morte é uma adversidade da atual sociedade, que se individualiza, na qual a dor da perda tende a ser maior que na sociedade que vive de maneira coletiva, nas quais se propicia a dissolução da dor na coletividade (SANTOS, 2000; VILAR, 2000).

Percebe-se que, diante da perda de um ente querido, o luto não vivenciado - ainda mais quando se trata de morte prematura ou violenta - exacerba o trauma. Por conseguinte, salienta-se que a tentativa de “fuga” ao vivenciar o acontecido impede que o indivíduo crie meios de enfrentar o inevitável. Verifica-se, portanto, que

Certamente, se a morte foi interdita, o luto daqueles que perderam entes queridos também foi. A pessoa enlutada deve agir como se nada houvesse acontecido, para não perturbar a vida social nem interrompê-la com sua tristeza. A sociedade espera que o enlutado continue vivendo como antes e, a ele, só resta o choro solitário. Sem assistência, a pessoa enlutada, proibida de manifestar sua dor, pode desenvolver uma patologia física e/ou psicológica. Talvez muitas das patologias sociais atuais sejam desencadeadas pela interdição do luto. Aquele que vivencia a sua perda e sua dor pode entregar-se a uma letargia inconsciente, bloqueando todos os seus canais receptivos, impossibilitando a continuidade da construção do seu conhecimento e de uma nova vida (SARTORI, 2018, p.20).

A morte tornou-se um tabu, no século XX e início do século XXI do qual tentou-se escapar, a fim de torná-la imaginária (SARTORI, 2018). Como ela faz parte do ciclo vital, mas não convenceu ao indivíduo disso, isso impede a criação de meios que confrontem com o inevitável.

Os rituais e processos de luto acontecem em decorrente mudança ao longo da história da humanidade, no século XXI o tabu, morte modifica-se mais uma vez.

2.3 O morrer nos dias de hoje

Falar sobre morte em decorrência do COVID pode gerar desconforto, sentimento de tristeza e incompreensão, principalmente pelo fato da morte ser algo intrínseco à existência humana. A própria relação com a morte foi se modificando ao longo do tempo. Outrora, ela era vivenciada dentro de casa, as pessoas adoeciam e eram tratadas no seio de sua família até morrer. Isso tornava o relacionamento com a morte direto e, talvez, até mais doloroso (KOVÁCS, 1992).

Essa relação com a morte já não é mais tão direta assim, as pessoas geralmente morrem em hospitais nas Unidades de Terapias Intensivas (UTIs), assistidas por equipamentos e

profissionais especializados em tratamentos que podem retardar o momento da morte. Esses profissionais acabam atuando de modo a amenizar o contato direto entre a morte e o enlutado (KOVÁCS, 1992).

O morrer e os rituais funerários, mais uma vez, ao longo da história, passaram por uma ressignificação. Atualmente, com a vivência da pandemia mundial e suas conseqüentes perdas, em massa, de vidas humanas e o risco alto de contágio entre as pessoas, as despedidas tornaram-se mais difíceis e distantes entre o infectado morto e seus familiares. Como é possível perceber, os rituais funerários mostram como uma sociedade lida com a morte e, nesse sentido, o funeral é fundamental para que as comunidades consigam seguir a vida e assimilem o momento imposto pela morte (SOUZA; SOUZA, 2019).

Com novas mudanças causadas pela pandemia, a despedida de um ente querido tornou-se privativa, pois, ao constatar a morte pelo vírus, o velório e o sepultamento ocorrem rapidamente, com nenhum ou pouco contato com familiares e amigos. Com o distanciamento social, a sociedade tornou-se ainda mais individualista, por mais que o luto seja vivenciado por todos, suas fases tornaram-se mais solitárias e difíceis de serem enfrentadas.

Na cultura ocidental, os rituais funerários são consolidados na presença do corpo, que pode, pela última vez, ser contemplado, pois, a ideia de ver o corpo morto, traz a percepção que enterramos a pessoa correta e dá concretude a morte. A imposição dessas limitações aos rituais de despedida aos acometidos pela COVID-19 são caracterizadas pelos caixões lacrados e por pessoas que não podem ser contempladas em seu leito de morte e despedida. Sendo assim, as famílias que tenham enterrado seus entes queridos pelo Coronavírus, tem em vista a execução de um ritual incompleto, que nunca se despediram de maneira digna daqueles que tanto amaram (DANTAS *et al.*, 2020).

Diferentes culturas percebem que a “má qualidade de morte” ou a falta de preparação para tal, com falecimento em leitos de UTI e isolamento, impedem que os membros das famílias tenham conversas que facilitem o processo de despedida. Causando, em seus familiares, a sensação de culpa em não proteger seu ente querido (CARR; BOERMER; MORRMAN, 2020).

2.4 Conceito de morte na criança

Ao nascer, o bebê já entra em processo de desenvolvimento, portanto, sua mente acompanha este processo. Ao abrir os olhos, o bebê cria a realidade de seu mundo e estabelece

noções sensoriais, afetivas e cognitivas. No entanto, enquanto bebê, este mundo é relacionado à vida uterina, ou seja, um paraíso onde ele tem suas necessidades atendidas. Aos poucos, este novo ser percebe que há necessidades, sofrimentos e, também, alegrias. Para Torres (2012), o fato de poder enxergar a finitude, sua mortalidade, será sua maior ferida, a qual carregará para sempre. É neste momento, portanto, que a criança, antes bebê, descobre que é apenas um homem, suscetível, sensível, mortal.

Diante do exposto, o conceito de morte para a criança, em consonância com o pensamento de Torres (2012), é descrito conforme a idade cronológica. Torres (2012) utiliza-se desta idade para focalizar o conceito de morte na criança seguindo o critério de desenvolvimento, a idade cronológica e o nível cognitivo, totalizando três etapas. São elas: Etapa 1, a criança de até 5 anos; Etapa 2, a criança entre as idades de 5 a 9 anos; e Etapa 3, a criança acima de 9 anos.

A etapa 1 descreve que a criança de até 5 anos percebe a morte como gradual e temporária, não a categorizando como irreversível. Segundo Torres (2012), a criança nesta etapa atribui a morte como algo impossível, já que não tem noções de possibilidade de não vida.

A etapa 2 corresponde à criança entre 5 e 9 anos, em que o pensamento já possibilita a compreensão da morte como um acontecimento irreversível. Para Torres (2012), nesta fase existe uma forte tendência para personificar a morte, porém, a criança ainda não a enxerga como inevitável.

Na etapa 3 que corresponde à criança acima de 9 anos, Torres (2012) afirma que ela reconhece a morte como inevitável e sendo a causa da interrupção das atividades do corpo.

A morte é entendida como um processo que ocorre em todos os seres vivos e cujo resultado perceptual é a dissolução da vida do corpo. À medida que a criança compreende a morte como um processo que se espera dentro de nós, ela realiza sua natureza universal (TORRES, 2012, p. 29).

Para Paiva (2011), desde cedo a criança vivencia situações que lhe permitem criar uma noção da morte. Segundo ela, pode-se afirmar que a criança percebe a morte de forma diferente do adulto, de acordo com a faixa etária e condições cognitivas.

Observa-se que as crianças têm diferentes maneiras de vivenciar a morte e encará-la e que esse fato pode ser agravado conforme o grau de parentesco ou de proximidade com a pessoa que veio a falecer.

Os impactos da morte de pessoas muito próximas, como os pais, avós e demais parentes, pode ser um agravante para algumas crianças. Segundo Pangrazzi (2009), é possível citar alguns fatores:

- Morte do progenitor de maneiras bruscas como, suicídio ou homicídio

- Perda da mãe, para crianças menores de 11 anos; e do pai, para os adolescentes.
- Não receber apoio familiar ou em outros locais que a criança participa.
- Ambiente familiar oscilante.
- Desmedida dependência do progenitor que ficou.
- Uma relação desordenada com o progenitor falecido.

Com isso, a compreensão de sentimentos muda de acordo com cada criança. As reações emotivas podem ser parecidas com as de um adulto, mas normalmente são: tristeza, culpa, pensamentos mágicos ou fantasias. O sentimento de culpa, é retratado por questionamentos frequentes como: “Fui eu o causador da morte? ”, “Acontecerá também comigo? ” e “ Quem tomará conta de mim, agora?” (PANGRAZZI, 2009).

Em conformidade com a temática, serão explicitadas aqui algumas orientações para lidar com crianças enlutadas, a partir da premissa do momento vivido. De acordo com Bolaséll *et al.* (2020, p.13), ressalta-se o quadro abaixo com algumas dicas para conversar com crianças em situações de morte e luto:

Quadro 1 - Dicas para ajudar crianças enlutadas.

1. Vá direto ao assunto, informe apenas o necessário para compreensão da criança.
2. Quando for conversar com a criança procure se abaixar.
3. Permita que a criança faça questionamentos e fale sobre o assunto quando desejar.
4. Dizer a criança que ela não tem culpa pelo que aconteceu.
5. Fique disponível para conversar sobre o assunto.
6. Permita-se chorar frente a criança, pois ela irá se espelhar e também demonstrará seus sentimentos.

Quadro adaptado de BOLASÉLL *et al.* (2020) pela autora.

Além disso, conforme Soares (2013) salienta, é preciso conversar com a criança sobre a morte e esclarecer seus possíveis questionamentos, explicando que a morte é um processo natural da vida humana. A escola, por sua vez, dever oferecer apoio ao aluno enlutado, trabalhando o assunto de maneira lúdica, com histórias, filmes e lhe oferecer, sempre, a oportunidade de falar sobre o assunto.

Ao ajudar a criança enlutada, é necessário que seja dita a verdade, de maneira simples e direta. Aos rituais fúnebres, se a criança se sentir à vontade de participar, deixe-a participar. Dessa forma, ela observará as condolências dos outros e poderá, assim, assimilar seus próprios sentimentos (PANGRAZZI,2009).

A partir das sugestões elencadas por Soares (2013), apresenta-se, abaixo, algumas delas, para facilitar a abordagem da perda em escolas utilizando filmes:

1. O enigma das cartas – que trata da história de uma menina que perdeu o pai e que tem seu luto interdito.
2. Tomates verdes fritos – trata de uma menina que perdeu quem mais amava e um menino que perdeu o braço.
3. Caminhando nas nuvens- trata da perda de um negócio familiar.
4. Meu primeiro amor – trata de uma menina que, muito cedo, conhece a dor da perda.
5. A Bela e a fera – aborda uma história de perda de beleza e o começo de um grande amor.
6. Babe, o porquinho atrapalhado – um porquinho que vive grandes aventuras, mas que sente muita falta dos seus amigos quando são roubados.

2.5 Luto e perda

Nos tempos atuais acredita-se que o homem deve ter controle sobre suas emoções, por isso falar sobre luto é sempre delicado, pois ele é considerado como algo que gera sentimentos conflitantes dos quais nem sempre se pode ter controle. Assim, o luto pode ser compreendido e vivenciado de várias formas dependendo da época, do contexto social, econômico e cultural.

Para Oliveira e Lopes (2008), o luto é um agrupamento de reações, sensações e sentimentos que se fazem presentes quando se perde alguém que se ama, não devendo ser ignorado dada a sua importância para a manutenção da saúde emocional do indivíduo, em que deve ser acolhido e sua dor legitimada, seus sentimentos respeitados e conduzidos a um processo de resignificação da perda de seu ente querido.

Tada e Kovács (2007) conceituam o luto como um processo de elaboração de sentimentos e de pesar que envolvem profunda tristeza, em que o indivíduo se percebe vivendo uma intensa dor, mas tem a consciência de que precisa continuar vivendo apesar da dimensão dos sentimentos conflitantes que surgem nesse período, em que nada deve ser reprimido ou negado e sim vivenciado para que se possa chegar a um fechamento, a uma conclusão dessa nova etapa de sua vida.

Nessa perspectiva, ressalta-se a importância desse processo de elaboração do luto considerando que quando o indivíduo consegue elaborar esse fechamento ele pode também finalizar esse ciclo de maneira saudável. Quando isso não ocorre e o indivíduo não consegue fazer a elaboração do luto, ele pode vivenciar um adoecimento tanto psíquico quanto físico, podendo ainda, ocasionar sérias consequências como desenvolver comportamentos de isolamento, agressividade, apatia, depressão e até mesmo em casos mais extremos chegar ao suicídio (TADA; KOVÁCS, 2007).

Ainda sob essa perspectiva, pode ocorrer um luto normal ou um luto complicado. O luto normal seria quando o indivíduo vive, sente e sofre por um determinado momento, mas ao receber apoio ele consegue se ajustar a essa nova condição e encontrar novas maneiras de viver no mundo sem a presença de seu ente querido. Enquanto, no luto patológico, independente do apoio oferecido, o indivíduo não consegue fazer a separação de suas emoções mantendo-as apegadas ao ente falecido, permanecendo ligado a ele e, por consequência, passando a desenvolver uma frustração pela impossibilidade de haver uma continuação no vínculo agora interrompido. Nessa forma patológica de viver o luto, o indivíduo fica ancorado ao passado preso a sentimentos de negação, frustração e incertezas (FREITAS, 2000).

Fukumitsu (2004) define o luto como uma ferida existencial geradora de dor e sofrimento intenso, necessitando de um período para que ocorra a cura, em que o luto pode ser visto como uma crise, um instante de desajustamento do indivíduo, como um estado em que se encontra. Assim, com o tempo, o indivíduo torna-se capaz de realizar um novo ajustamento em sua vida, e o luto não seria mais visto como um estado e sim como um processo.

Nesse sentido, Fukumitsu (2004), ressalta que o luto seria, então, um processo que precisa ser vivido e os sentimentos que são aflorados neste momento precisam ser trabalhados de forma que esse indivíduo possa alcançar um equilíbrio para que o processo não se torne patológico.

Segundo Tavares (2001), existe uma abertura, uma perspectiva para um futuro no qual ainda é possível viver, de forma que o luto, uma vez visto como um ritual expressa os sentimentos mais profundos do ser humano, encontrando-se ao lado da morte como um evento e ao lado da vida, como um processo. Sendo um percurso que é para ser feito em dois caminhos: em um, busca-se preservar as lembranças vividas; no outro, busca abrir-se à constituição de novos laços afetivos. Assim, o luto provoca sensações diversas no enlutado advindas da consciência da perda que cada um sofre.

Para Worden (1998), no instante em que o indivíduo toma consciência da morte de alguém que ama, é tomado por sentimentos de angústia, abandono e solidão, a pessoa enlutada se questiona sobre como sua vida seguirá a partir daquele momento. Grande parte dessa ansiedade vem de sentimentos de solidão, da incapacidade de seguir em frente vivendo sozinho.

Worden (1998), ressalta que quando alguém próximo morre toma-se consciência da própria mortalidade, da própria finitude, ocasiona uma ansiedade existencial, em que o medo do desconhecido, da morte, da solidão gera sentimentos de incapacidade.

Ainda em seus estudos, o mesmo autor relaciona os fenômenos mais comuns que acometem pessoas em estado de luto apresentando características como: vazio no estômago, aperto no peito, nó na garganta, hipersensibilidade ao barulho, sensação de despersonalização, falta de ar, fraqueza muscular, falta de energia e boca seca.

Quando a pessoa enlutada se vê tomada por essas sensações, ela costuma buscar auxílio médico acreditando estar enferma, mas logo que o profissional toma ciência da condição de luto em que o paciente se encontra, procura esclarecer tentando fazê-lo entender que estes sintomas são naturais à situação a qual ele está vivenciando, podendo então, direcioná-lo a um acompanhamento terapêutico, considerando que esses sintomas possam ainda persistir, ou tomarem dimensões que afetem várias áreas de sua vida.

Nesse contexto, é importante considerar, também, as cinco dimensões das reações comuns ao luto citadas por Franco (2002). São elas: Dimensão Intelectual: momento em que o enlutado passa a bloquear o contato com os sentimentos devido à intensidade da dor sentida que é muito profunda. Nesse caso, o indivíduo passa a buscar formas de se ajustar utilizando-se de funções mais racionais para enfrentar esse período; a Dimensão Emocional: é um período em que ocorre um contato real com seus sentimentos e o enlutado não está utilizando-se de meios como bloqueios para impedir esse contato; a Dimensão Física: é o período em que ocorre a vazão de sentimentos através do corpo. Ou seja, tudo que estava sendo elaborado na esfera racional condensa com o emocional sendo liberado por sintomas físicos; a Dimensão Espiritual: período em que o enlutado passa a sentir-se traído por Deus e sente desapontamento, inclusive, com as pessoas que ocupam cargos de significação religiosa e/ou espiritual; e a Dimensão Social: nesse período podem surgir alguns problemas graves como a depressão, isolamento, entre outros.

Nesse sentido, para Franco (2002), no que se refere às mudanças comportamentais do enlutado é habitual, após o falecimento de um ente querido ocorrerem mudanças significativas em sua relação com o meio em que vive, em que a rede de apoio social pode oferecer suporte

às necessidades do enlutado para expressar a sua dor, suas angústias procurando se reorganizar diante da perda sofrida. Esse processo de reorganização corresponde à elaboração do luto.

2.6 O processo de luto e seus estágios

O luto caracteriza-se pelas emoções, principalmente quando se perde um ente querido, ou seja, existe o distanciamento das relações causado pela morte. Essa ruptura estabelece reações de sofrimento, segundo John Bowlby (2004) quanto maior o apego, maior o sofrimento gerado pelo luto. Conforme o viés cultural adotado por cada povo, devem-se observar as variações nas expressões do luto, por meio de suas vestimentas e costumes adotados.

Conforme Parkes (1998) as reações frente ao luto variam de um indivíduo para o outro. O processo de luto divide-se em estágios, segundo Bowlby (2004) e Parkes (1998), embora esses estágios se diferenciem de pessoa para pessoa, em grau e intensidade, há fases que podem ser comuns.

Fatores diversos podem afetar a forma de elaboração do luto, implicações frente a esse processo, causam modificações que refletem no físico e emocional do enlutado. Como afirma Freud:

[...] o luto é uma reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como os pais, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos que essas pessoas possuem uma disposição patológica (FREUD, 1984, p. 108).

Segundo Elizabeth Kübler (2005), existem cinco estágios de reação à morte. No primeiro estágio de luto, a negação e o isolamento servem como um mecanismo de defesa temporário, um para-choque que alivia o impacto da notícia, uma recusa a confrontar-se com a situação. Ocorre em quem é informado abruptamente a respeito da morte; embora considerado o primeiro estágio, pode aparecer em outros momentos.

A raiva, segundo estágio, é o momento em que as pessoas exteriorizam a revolta que estão sentindo. Neste caso, tornam-se por vezes agressivos. Há também a procura de culpados e questionamentos, tal como: “Por que ele?”, com o intuito de aliviar o imenso sofrimento e revolta pela perda (KÜBLER, 2005).

Já a barganha, percebida no terceiro estágio de reação à perda, é uma tentativa, de negociar ou adiar os temores diante da situação. As pessoas buscam firmar acordos com figuras que segundo suas crenças teriam poder de intervenção sobre a situação de perda. Geralmente,

esses acordos e promessas são direcionados a Deus e mesmo aos profissionais de saúde que a acompanham (KÜBLER, 2005).

A depressão, quarto estágio, é dividida em preparatória e reativa. A depressão reativa ocorre quando surgem outras perdas devido à perda por morte, por exemplo, a perda de um emprego e, conseqüentemente, um prejuízo financeiro, como também a perda de papéis do âmbito familiar. Já a depressão preparatória é o momento em que a aceitação está mais próxima, é quando as pessoas ficam quietas, repensando e processando o que a vida fez com elas e o que elas fizeram da vida delas (KÜBLER, 2005).

Por fim, o último estágio de reação à perda é o de aceitação. Quando se chega a esse estágio, as pessoas encontram-se mais serenas frente ao fato de morrer. É o momento em que conseguem expressar de forma mais clara sentimentos, emoções, frustrações e dificuldades que as circundam. Quanto mais negarem, mais dificilmente chegarão a este último estágio. Cabe ressaltar que, esses estágios não são um roteiro a ser seguido e que podem sofrer alterações de acordo com cada perspectiva pessoal (KÜBLER, 2005).

2.7 O luto nos tempos da COVID-19

A incerteza causada pelo momento nunca vivenciado ocasiona o luto não apenas pelas mortes, mas também por variadas perdas como: emprego, bens materiais, projetos, distanciamento, entre outras.

Devido ao distanciamento social exigido, qualquer despedida fica como um assunto inacabado, trazendo grande angústia e culpabilização. As restrições a realizações de cerimônias fúnebres, não permitem que o enlutado expressar a dor da perda, que dificulta a aceitação da morte. Ocasionalmente processos de lutos traumáticos, ou até quadros de ansiedade e depressão (TEIXEIRA, 2020).

Alguns fatores tendem a facilitar ou dificultar o processo de vivência do luto. A impossibilidade de despedidas e a não realização de rituais fúnebres, trazem consigo a elaboração mais dolorosa do luto. O fato de os familiares enlutados não terem realizado a despedida que julgam adequadas, remetem uma sensação de irrealidade, impedindo-os de realizarem plenamente seu luto (DANTAS *et al.*, 2020).

O luto consiste em um processo de adequação à perda, abrangendo emoções, sensações e mudanças comportamentais (WORDEN, 2018). A pandemia tende a afetar o processo de luto de diferentes maneiras. Destaca-se o luto antecipatório, que é a preparação emocional em

relação a perda. Para Worden (2013), o termo “luto antecipatório” se refere a um luto que ocorre antes da perda de fato, e é diferente do luto normal sentido pelo sobrevivente, que pode ser constantemente sentido, levando em conta a humanidade estar em iminência a situações desconhecidas e perdas constantes.

Entretanto, em um momento em que os rituais e o sofrimento são ocultados, o luto é vivido de maneira coletiva pela humanidade, que é bombardeada diariamente com informações maciças de números de mortes tornando todos mais vulneráveis.

2.8 Criança também fica de luto

Em se tratando de luto na infância, é importante indagar se a criança é capaz de enlutar-se. Portanto, falar de luto nesta fase da vida, é falar de como a criança sente, vive e pulsa este estado inquietante, o estado de luto. Para Mazorra e Tinoco (2005), o luto é considerado o trabalho psíquico de elaboração da perda, independente de seus resultados serem favoráveis ou não.

Identificar o luto na criança exige uma percepção minuciosa, pois a criança enlutada requer que aproximação a fim de captar, ouvir e ver seu luto. Ainda, necessita que ela seja tratada como um ser enlutado e que identifica suas emoções reais, e não como uma criança que não sabe o que está vivendo.

Partindo do princípio do conceito de morte que a criança assimila de acordo com cada faixa etária, que se percebe, há uma elaboração dessa dor, da perda por luto. Dessa forma, afirma-se que a criança também fica de luto, mas é necessário e importante que sejam tratadas as relações iniciais da criança.

Segundo Paiva (2011), baseada na Teoria do Apego de John Bowlby (1989, 1990, 1995), o apego infantil é desenvolvido a partir do primeiro ano de vida. Aos três meses, o bebê já consegue responder à mãe de modo diferente, segue a figura materna com os olhos, balbucia palavras e sorri, ou seja, apresenta uma reação perceptiva.

O comportamento referente ao apego é identificado, por exemplo, quando a criança reage à ausência da mãe em seu ambiente e se comporta de modo a buscar manter a proximidade com ela. A criança busca, após os primeiros seis meses de vida, estar seguro e satisfeito e esse comportamento, muitas vezes, depende muito da presença da mãe, mas é a partir do terceiro ano de vida que condicionado a alguns fatores a criança suporta temporariamente por um período curto a ausência da figura materna.

Segundo Paiva (2011), está entre esses fatores a familiarização da criança com figuras subordinadas, pessoas que possuem uma ligação com a criança e com a mãe, a criança deve no momento de a ausência estar gozando de saúde e estar muito tranquila, além de ter conhecimento de que a figura materna estará ausente por tempo determinado, dando a certeza de que logo retornará.

Bowlby (1995 *apud* PAIVA, 2011), afirma ser necessário que haja satisfação e segurança para a criança ou, do contrário, uma ruptura pode trazer dor e sofrimento e ainda distingue três modelos de apego:

Apego Seguro: o indivíduo se sente confiante de que seus pais estarão disponíveis, oferecendo respostas e ajuda caso se depare com alguma situação ameaçadora. Este fato o encoraja a explorar o mundo. Apego Ansioso: o indivíduo se mostra incerto quanto à disponibilidade de resposta ou ajuda por parte dos pais, caso necessário tendo ansiedade em caso de separação, ficando “grudado” e ansioso na exploração do mundo. Apego Evitativo: o indivíduo não tem nenhuma confiança de que receberá a resposta e a ajuda quando procurar cuidado. Sente a rejeição como certa, procura viver sem o amor e a ajuda dos outros, tentando tornar-se emocionalmente autossuficiente (PAIVA, 2011, p. 44).

Para Berthould (1998), a partir dos três anos a criança é capaz de examinar melhor seu ambiente, sendo capaz de ficar mais tempo longe da figura do apego, demonstrando maior interesse por outras crianças. Embora a criança seja capaz de relacionar-se a partir dos seis anos é fundamental que ela sinta que os pais estejam por perto sempre que for necessário até que em fases mais avançadas o apego seja substituído por outras espécies de vínculos, como a amizade, a atração sexual, paixão, amor que também concede sentido à existência. A criança é capaz de enlutar-se tanto quanto o adulto, identificando três etapas principais no processo natural do luto infantil.

Protesto: a criança não acredita que a pessoa esteja morta e luta para recuperá-la; chora, agita-se e busca qualquer imagem ou som que personifique a pessoa ausente. Desespero e desorganização da personalidade: a criança começa a aceitar o fato de que a pessoa amada realmente morreu; o anseio por sua volta não diminui, mas a esperança de sua satisfação esmorece. Não grita mais, torna-se apática e retraída, porém isso não significa que tenha esquecido a pessoa morta. Esperança: a criança espera buscar novas relações e a organizar a vida sem a presença da pessoa morta (TORRES, 1999 *apud* PAIVA, 2011, p. 45-46).

Vários fatores contribuem para a reação das crianças diante de uma perda por morte, entre eles podem ser citados: a relação da criança com a pessoa morta, a causa da morte, se foi repentina, violenta. A maneira como essa criança recebe a notícia da morte de alguém, a abertura que é proporcionada para a sua expressão de sentimentos após a perda também tem grande influência sobre as reações e a superação da perda.

Para Paiva (2011), quando crianças enfrentam situações de perda, evidentemente, experimentam medo, ansiedade e muitas outras reações de pesar, dor e desgosto e, assim, a forma como os pais e outros adultos desempenham um papel afetivo e acolhem a criança e o seu sofrimento, influencia diretamente a maneira como a criança enfrentará o luto, a perda, o sofrimento.

É fundamental que os adultos que lidem com crianças enlutadas estejam bem preparados para esta tarefa, com a finalidade de auxiliá-las. Por isso, é tão difícil que alguém da família - e que também esteja sofrendo a dor, a perda e enfrentando o luto - seja capaz de auxiliar as crianças, afinal o adulto em questão, também está sofrendo.

Ainda de acordo com o pensamento de Paiva (2011), para ajudar as crianças que estejam enfrentando o luto por morte é necessário promover um diálogo seguro dentro da família, comunicando à criança o que aconteceu, garantindo a ela que terá o tempo necessário para elaborar sua dor e sofrimento, disponibilizando e elegendo uma pessoa como compreensivo ouvinte todas as vezes que a criança sentir saudade, raiva, tristeza, culpa e assegurando à criança que ela continuará tendo proteção.

Velasquez (1996 *apud* PAIVA, 2011) cita algumas dicas para ajudar a criança no enfrentamento da perda e do luto, entre elas está a questão de encorajá-la a expressar seus sentimentos, como medo, angústia e dúvidas; a dialogar, respeitando sempre seu nível de desenvolvimento; a não criar expectativas acerca de suas reações; a demonstrar paciência quando as perguntas e questionamentos se tornarem repetitivos e cansativos para todos os envolvidos no processo - é importante lembrar que esse é um momento delicado pelo qual elas estão passando; a responder às perguntas honestamente de forma delicada que não firam os sentimentos da criança a oferecer caminhos para discutir a morte de uma maneira que a criança possa entender, preparando-a para prosseguir sua vida, sem menosprezar o vazio que está alojado em sua vida; e a indicar serviços específicos para a criança e os familiares, quando necessário.

Ressaltando sempre que é preciso aceitar a realidade, as crianças devem reconhecer e trabalhar as emoções associadas à morte, ajustar o ambiente agora que não há mais a presença da pessoa que morreu e recolocar a pessoa morta dentro da vida pessoal da criança encontrando novos caminhos para ela se lembrar da pessoa.

É importante destacar que não é aconselhável omitir da criança os esclarecimentos acerca da morte, afinal ela pede entendimento para a morte, porque precisa dar sentido à pessoa morta em sua vida.

Ocultamento e a mentira do adulto dificultam o trabalho de luto da criança. Quando morre um ser querido, sua ausência será definitiva. O trabalho de luto exige uma sucessão de esforços. O primeiro e fundamental é aceitar que o ser querido já não está conosco. Mas se um grupo ou um familiar começa a ocultar esse fato e recorre à mentira, vai enredando-se em um emaranhado cada vez maior de ocultações que terminam perturbando seriamente as capacidades cognitivas de todos os seus integrantes. Quando um adulto não diz a verdade a uma criança sobre a morte, está dificultando a primeira etapa de seu trabalho de luto. A criança não conhece muito bem como é o processo da morte, mas experimenta a ausência que ela vivencia como abandono (ABERASTURY, 1984, p. 135).

De acordo com Bowlby (1989), é válido salientar que a morte dos pais, para a criança, é algo que causa maior impacto, porque dificilmente o mundo será como antes. Nesse caso, a criança pode permanecer na fantasia ligada ao progenitor morto, investir a libido em atividades, temer amar outras pessoas e ou aceitar a perda e encontrar outra pessoa para amar.

Levando em consideração todas essas questões é claro e evidente que as relações familiares, sociais e afetivas são fundamentais para a elaboração do luto infantil. É importante pensar em alternativas de amparo para crianças enlutadas tanto em seu ambiente familiar, escolar como também em outros ambientes sociais em que esta criança está inserida.

2.9 A experiência dos profissionais da educação/gestores para lidar com crianças enlutadas

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda, de forma genérica, o termo morte. Implicitamente, entretanto, ao afirmar que a escola é um espaço vasto de descobertas da vida, ela propicia a abordagem da morte como tema inerente à vida. Conforme o projeto da BNCC:

Esse modo de olhar para o estudante em sua integralidade envolve a unidade entre corpo e mente, pois compreende aspectos cognitivos e afetivos, intelectuais e práticos, políticos, singulares e coletivos. Essa educação interdimensional visa contemplar equilibradamente aspectos racionais, relacionais, físicos e irrespondíveis, como “o que é a morte”, “a que se destina nossa existência”, da percepção de si e do outro, do apoio familiar, visando formar um cidadão autônomo, solidário e competente (BRASIL, [2017?], não paginado).

Fronza *et al.* (2001), em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - no volume de Ciências Naturais, cita que a morte aparece de forma implícita em várias reflexões, na tentativa de contribuir para uma reconstrução da relação homem-natureza (BRASIL, 2001). De forma mais direta, a morte apresenta-se na proposta de estudo da interdependência entre os organismos vivos e as relações deles com o meio onde habitam. Essas relações podem ser enfatizadas nos estudos das teias e cadeias alimentares, quando se faz necessária a morte de um ser para que outro sobreviva. Outro conteúdo é a concepção de corpo humano como um sistema

integrado percebido como um todo articulado, cuja doença deve ser vista como um estado de desequilíbrio. O mesmo documento explicita a questão da morte como inerente aos seres vivos, como um assunto importante com o qual as crianças precisam ter contato.

Para Mazorra (2005) compreender o processo de enlutamento é entender um pouco mais sobre a existência. Diante do conceito de que o luto faz parte de todo sujeito inserido socialmente, uma situação de luto direto ou indireto das crianças na escola pode configurar uma situação problemática, uma vez que esta instituição não esteja preparada para compreender o sujeito e intervir de forma adequada. “Compreender o sujeito, suas angústias, seu modo de se defender delas, as fases de um processo de desenvolvimento contínuo, ou abortado, são essenciais para o magistério” (NALETTO, 2005, p. 112).

Concebe-se a ideia de que escola é um ambiente de vida, de crescimento e desenvolvimento, mas a escola não está isenta de enfrentar a morte como uma questão rotineira, por isso é necessário que a equipe escolar tenha condições para agir no enfrentamento do luto, seja ele direto ou indireto na vida das pessoas que integram a instituição. As crianças afetadas diretamente sofrem mudanças na sua rotina em várias situações e aspectos. Primeiro, na escola, que passou a fazer o seu papel de maneira remota. As aulas e atividades passaram ser feitas em casa, com o auxílio dos pais e professores *on-line*. Contudo, além da mudança escolar, estão vivenciando o isolamento social, observando o crescente número de mortes em todo mundo e a perda de pessoas próximas. Os profissionais, sejam eles gestores, professores ou demais funcionários, não podem mais se abster do assunto morte e de como lidar com tal situação, afinal, esse aluno ainda faz parte do meio escolar e, após esse período complicado, voltará para a escola.

Portanto, a escola deve estar preparada, pois é muito mais difícil elaborar um plano de ação para auxiliar a criança quando todos estão vivenciando a dor da perda por morte, conforme se verifica em Naletto (2005) que afirma que a escola deve abrir espaço para a dor, preparar professores e a instituição escolar como um todo.

Justifica-se a atuação da escola no enfrentamento da dor, pelo fato de ser a escola um lugar de socialização e uma instituição que lida, na sua grande maioria, com crianças e adolescentes, exercendo, portanto, papel fundamental na formação de indivíduos. Além disso, ela atua nas fases mais importantes do desenvolvimento humano sendo justamente nesta fase que ocorrem alguns casos de morte no meio das crianças e dos adolescentes repercutindo no ambiente escolar.

Portanto, é de fácil identificação que as crianças tenham muito a dizer sobre seus sentimentos, muitas vezes, porém, elas não encontram espaço para se expressarem. Apesar da escola, hoje, tratar de assuntos diversificados indicados pela transversalidade de temas como a sexualidade, preconceito, pluralidade cultural, contudo, esquivam-se em falar sobre a morte.

Desta forma, considera-se necessário preparar os profissionais da escola a fim de que possam lidar com o assunto e com as pessoas com naturalidade pois, “[...] uma resposta inadequada ou a ausência de resposta frente a uma indagação sobre a morte, pode, muitas vezes, fragilizar ou até mesmo romper a integridade psíquica de uma criança” (TORRES, 2012, p. 140), acrescentando que esta competência de lidar com o luto, deve fazer parte do educador, assim como deve fazer parte do currículo escolar os assuntos referentes à morte e perdas (NALETTO, 2005).

Agora no século XXI, a criança passa, em sua grande maioria, tempo integral na escola, portanto, a responsabilidade de discutir alguns assuntos como sexo, drogas e até mesmo a morte passou a ser transferida para a escola. Sabe-se que o professor exerce grande influência na vida de seus alunos, por isso o seu apoio no processo de elaboração do luto é fundamental para o desenvolvimento não só intelectual da criança, mas, principalmente, o psicológico.

É necessário, então, que ocorra, dentro do ambiente escolar, um processo na busca da compreensão das emoções que a criança vivencia. A fantasia é um dos artifícios que reflete o processo de elaboração do luto da criança em decorrência da morte e seu conhecimento possibilita a compreensão de seus sentimentos, comportamentos e sintomas. A partir da apreensão de suas fantasias e de seu processo de enlutamento, é possível auxiliá-la a compreender o que vivencia, contribuindo para seu processo de elaboração da perda (FRANCO; MAZORRA, 2007).

Quanto à forma de comunicar-se com as crianças, é necessário clareza e sinceridade ao falar e expressar. As crianças pequenas podem ficar confusas, ao tentar entender a morte, se os adultos usarem um pensamento e uma linguagem ambígua. Assim, em uma ocasião de morte, eufemismos como “foi para o céu”, “viajou”, “dormiu”, “virou uma estrela”, podem ser tomados de forma literal, e a criança pode pedir para “viajar junto”, “ir para o céu também”, ou, ao perceber que não se volta desta viagem e não se acorda deste sono, não querer que seus pais possam dormir ou viajar (ALVES, 2007).

Dessa forma, compreender a criança, suas angústias, seu modo de se defender delas, a fase de seu processo de desenvolvimento, são fatores essenciais para a docência. Abordar esta temática vai depender do entendimento que o professor possui do processo de elaboração do

luto. A morte abala alunos, funcionários da escola e professores, pelos vínculos afetivos que mantém e assim vê-los sofrer é dolorido. Os professores, ao perderem alunos ou pais de alunos, sofrem duplamente, pois percebem intimamente que a morte pode atingi-los (FRONZA, 2015).

Segundo Aquino *et al.* (2014), a perda de pessoas próximas remete a criança à própria morte e à dos seus o que pode trazer problemas escolares, sintomas físicos e psíquicos, ansiedade e baixa autoestima. Falar sobre as perdas auxilia no enfrentamento dos medos que podem surgir; porém familiares, educadores e profissionais geralmente têm dificuldades em abordar o tema. É necessário estar disponível, observá-la em seu estágio de desenvolvimento, compartilhar sentimentos e esclarecer dúvidas.

Diante desse contexto, quando os pais ou professores outorgam à criança o direito de pensar e falar, permitem, então, um modelo saudável para a aprendizagem. Assim, quando uma criança da escola vive a perda significativa de alguém, é comum que os colegas de classe se envolvam também, em função do fenômeno descrito. Estes acabam identificando-se com o colega e padecem um pouco da situação pela qual o outro está passando. Compreender o que está acontecendo com a classe e com a criança enlutada é ferramenta necessária para auxiliar o professor a lidar com a dinâmica da sala (WOTTRICH *et al.*, 2009)

Sendo assim, a escola, por ser um lugar onde crianças e adolescentes passam boa parte de seus dias, é o ambiente onde eles irão manifestar suas angústias, suas dúvidas, seus temores. É comum, por ocasião de uma perda, que as crianças passem a apresentar um decréscimo em suas notas, bem como problemas de comportamento e desinteresse. Estas implicações do luto no processo de ensino-aprendizagem justificam a importância da sensibilização das instituições educacionais para esta questão (FRONZA *et al.*, 2015).

Aquino *et al.* (2014) alertam que a escola deve estar atenta para não ignorar o aluno que está em luto por perda/morte, fingindo nada ter acontecido. Ela deve estabelecer um canal de comunicação, respeitando as diferentes manifestações infantis sobre o assunto, pois a criança talvez fique aparentemente bem nos primeiros dias, mas logo poderá apresentar tristeza. O seu rendimento na aprendizagem tenderá a cair e a escola deverá dirigir o olhar para tais reações.

Wottrich *et al.* (2009, p. 2) consideram essencial em um processo educativo que o professor possa “[...] compreender a criança, suas angústias, seu modo de se defender delas, a fase de seu processo de desenvolvimento”, e isto está relacionado ao seu entendimento do processo de elaboração do luto. A negação social da morte se reflete nas instituições educacionais, onde diversos profissionais encontram dificuldades para se debruçar sobre o tema. No processo em que a escola pública se tornou laica, além da religião oficial foram

também retiradas das escolas abordagens que tratam da dimensão espiritual do indivíduo. Assim, o tema da morte, o qual nos remete a aspectos subjetivos do ser humano, tende a ser sistematicamente evitado.

Acredita-se que exista a necessidade de capacitar, preparar e apoiar o professor na busca de conhecimentos voltados a uma educação para a morte, colaborando na construção de canais de comunicação sobre o tema. Na mesma direção apontam os estudos de Wottrich (2009), acreditando que estas reflexões voltadas à educação para a morte possam contribuir na promoção de saúde e construção da cidadania no contexto escolar.

Sendo assim, é importante que os educadores/gestores estejam preparados para lidar com as necessidades de cada criança, principalmente no enfrentamento ao luto que, se for auxiliada e vencida, será um momento efêmero. O educador deve transpor as barreiras da aprendizagem, atentando-se às necessidades cognitivas, intelectivas, emocionais e psicológicas dos seus alunos, oferecendo a eles a oportunidade de construção do seu saber por completo.

2.10 Parceria família-escola e o enfrentamento do luto

Quando se fala em luto no contexto escolar, é necessário enfatizar alguns pontos importantes como: reconhecer o papel da família no apoio à criança enlutada, pois, mesmo quando a morte ocorre no âmbito escolar, ou seja, a morte de um aluno, professor, funcionário, é crucial que a família tenha uma ação junto à escola para que as crianças possam enfrentar o luto.

Outro ponto de destaque é que os membros da escola saibam responder e lidar com algumas questões inerentes ao luto infantil, por exemplo, o que se deve dizer ao aluno que acaba de sofrer uma perda do progenitor; como contar aos colegas de classe que a criança que estava doente faleceu; ou, ainda, como ajudar uma mãe que precisa contar ao filho que o pai acabara de falecer.

A família e a escola precisam ser encorajadas a desenvolver um plano de ação para estes casos, já que não é possível negar que a vida escolar é repleta de lutos, isto porque o luto se dá até mesmo no ingresso da criança à escola, pois no primeiro dia de aula a mesma precisa deixar parcialmente a rotina, os pais, o que a leva a viver um sentimento de perda para se integrar à nova rotina da escola.

Naletto (2005), ressalta que, ao falar em luto, é importante falar em prevenção, investindo assim na capacidade de a escola como um todo encarar a dor em situações de morte

e outras perdas. Não se pode negar que o luto faz parte da vida de todo sujeito, pois entender o processo de enlutamento é compreender a existência humana, portanto, é muito importante que a escola compreenda o luto e aprenda a lidar com ele.

Para Naletto (2005), há muitos professores que trabalham para que não encontrar problemas pedagógicos e educacionais, mas devido a situações que poderão ocorrer, como o luto direto -vivenciado diretamente pela criança através da morte dos pais, familiares e entes queridos; ou pelo luto indireto - vivenciado pela criança através de professores, amigos de sala, profissionais da equipe escolar, poderão surgir situações inesperadas. O professor e a escola deverão intervir com mais precisão e qualificação, ou seja, é essencial a compreensão do sujeito, suas angústias, seu modo de defender-se delas e as fases do processo de desenvolvimento.

Para que isso ocorra de forma eficaz e eficiente é necessário que exista um preparo adequado do educador em lidar com o tema da morte, é interessante que o professor promova questionamentos, autoconhecimento e contato com os próprios sentimentos. É necessário que os educadores se preparem para acolher as perguntas e as constantes dúvidas das crianças.

No entanto, para atingir os objetivos de desenvolver um bom trabalho pedagógico e preparar-se para enfrentar problemas psicológicos das crianças criados pelo luto, é necessário estar disposto a desenvolver algumas habilidades. Muitas habilidades são desenvolvidas pelo ser humano ao longo de sua existência e a Inteligência Emocional é uma delas.

De acordo com Paiva (2011), as fronteiras entre a escola e a família hoje se confundem. Contudo, educar as novas gerações é papel da família e da escola, pois, a escola é, seguramente, o segundo lugar que apoia a criança, já que a família é o primeiro.

Muitos afirmam que a escola é o segundo lar e como a educação tem sido terceirizada pelos pais para escola, as crianças chegam nela ainda muito pequenas e passam a maior parte do seu dia no ambiente escolar. Portanto, hoje é comum as escolas oferecerem, além do currículo regular, atividades extracurriculares como esportes, línguas estrangeiras, informática, balé, natação. Levando em conta todas as funções, o professor exerce o papel de educador e de formador, além de exercer um papel importante na formação da criança enquanto indivíduo.

Mesmo com tal afirmação, não se pode isentar a responsabilidade da família no processo de formação da criança.

Subentendendo que a escola é um espaço de formação de indivíduos críticos e conscientes, devemos então repensar alguns aspectos constitutivos de vida e de morte. A escola deverá ser concebida como espaço de convivência e de compartilhamento das experiências da vida.

É preciso, também, enfatizar a relação entre o luto infantil e o rendimento escolar que, por conseguinte, tenderá a cair. Com isso, a escola deverá saber observar e levar isto em consideração, podendo avaliar o aluno de outras formas e sendo flexível em relação aos prazos e faltas.

É importante que o professor e os profissionais da educação estejam realmente dispostos para enfrentar o novo que pode vir a se revelar na rotina da sala em casos de morte e luto e que não tenham preconceito em lidar com a situação em sala de aula.

Para isso, é necessário também que a instituição escolar como um todo esteja engajada a reconhecer a importância do trabalho de luto e esteja aberta a abordar o tema, pois assim como trabalha os temas transversais como sexualidade, pluralidade cultural, preconceito, assim também deve ser com tema morte. Assim, o professor não deve oferecer somente o conteúdo escolar, deve estar preparado também para oferecer aos alunos possíveis formas de pensamentos sobre a antítese natural de vida e morte.

Domingos e Maluf (2003) destacam que o luto tem implicações no processo ensino-aprendizagem e interfere na questão pedagógica como: déficit de atenção e concentração entre outros devido à ansiedade e na escolarização. Afirmam, ainda, que a escola deve se preocupar não só em oferecer o conhecimento, mas também em suprir as necessidades emocionais de seus alunos. Por esse motivo é interessante que haja uma sensibilização na escola envolvendo a questão do luto, buscando apoio aos educadores e também propondo encaminhamento de alunos e familiares para centros especializados quando for necessário.

A morte não pode continuar um tabu, continuar ausente dos lugares educativos, designando-se para a família e para a escola. É necessário incluir uma pedagogia tanatológica¹ no contexto educativo, para que verdadeiramente se cultive uma educação integrante e integrada de todas as dimensões do ser humano. Ensinar a arte do bem morrer, e educar para bem morrer são educar para bem viver (OLIVEIRA, 1999 *apud* PAIVA, 2011, p.71).

Observa-se, também, que a morte está muito presente no ambiente escolar e que o professor pode se apoiar em alguns recursos para abordar a temática em sala de aula com seus alunos, estando eles passando pelo luto ou apenas como forma de prevenção.

¹Tanatologia (tâ) [Tanato +-logia.] sf. 1. Teoria da, ou sobre, a morte. 2. Parte da medicina legal que se ocupa da morte e dos problemas médicos – legais com ela relacionados. (FERREIRA, Aurélio B. de H., 2010, p.726)

Naletto (2005), ressalta que ao falar em luto é importante falar em prevenção, investindo assim na capacidade de a escola como um todo, para encarar a dor em situações de perda/morte. Não se pode negar que o luto faz parte da vida de todo sujeito, pois entender o processo de enlutamento é compreender a existência, portanto, é importante a escola compreender o luto para aprender a lidar com ele.

Ainda em consonância com o mesmo autor, apesar de muitos professores trabalharem para não encontrar problemas pedagógicos e educacionais, mas devido a situações que poderão ocorrer como o luto direto, vivenciado diretamente pela criança através da morte dos pais, familiares e entes queridos, ou pelo luto indireto, vivenciado pela criança através de professores, amigos de sala, profissionais da equipe escolar, poderão surgir situações inesperadas (NALETTO, 2005). O professor e a escola deverão intervir com mais precisão e qualificação, ou seja, é essencial a compreensão do sujeito, suas angústias, seu modo de defender-se delas e as fases do processo de desenvolvimento.

A questão levantada sobre educar as crianças para a morte e encontrar suporte teórico para a inclusão da educação para morte indica que é preciso entender que não é somente buscar apoio e suporte técnico para lidar com questões delicadas como o luto infantil. É importante, ainda, que o professor esteja preparado para as situações diversas, possíveis questionamentos e expressões exacerbadas de emoções, buscado equilíbrio entre o bom senso e seu comportamento psicológico.

Raramente são encontrados relatos de pessoas que afirmam estar preparadas psicologicamente para lidar com a morte e com as dores que ela causa nas pessoas. Da mesma maneira, são os educadores - ao dizer que estão preparados realmente para apoiar, incentivar e trabalhar com educandos que estejam limitados psicologicamente por causa de traumas como o luto - é mesmo um erro. A grande questão é, o profissional está realmente preparado para gerenciar as próprias emoções e compreender as emoções do outro? É um desejo domar os medos e angústias em prol daqueles que necessitam de base e apoio, não só no desenvolvimento intelectual e cognitivo, mas também psicológico e emocional?

É necessário que exista um total preparo do educador para lidar com o tema da morte e promova questionamentos, autoconhecimento e contato com os próprios sentimentos. É necessário que os educadores estejam preparados e reajam com naturalidade para acolher as perguntas e constantes dúvidas das crianças.

No entanto, para atingir os objetivos de desenvolver um bom trabalho pedagógico e preparar-se para enfrentar problemas psicológicos das crianças criados pelo luto e é necessário

estar disposto a desenvolver algumas habilidades. Muitas habilidades são desenvolvidas pelo ser humano ao longo de sua existência e a Inteligência Emocional é uma delas.

Segundo Goleman (1995), a Inteligência Emocional, de um modo geral, é a habilidade do indivíduo de gerenciar as próprias emoções e entender as emoções do outro. É fundamental para o sucesso do ser humano, pois possibilita o seu desenvolvimento cognitivo, além de favorecer outros potenciais.

É importante que os profissionais envolvidos, sejam eles professores ou gestores, conheçam as dificuldades da criança enlutada e, com ela, desenvolva trabalhos pedagógicos para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Todavia, é preciso compreender que a criança está vivenciando um momento delicado e terá suas limitações, as quais devem ser respeitadas. Quando o luto afeta coletivamente os alunos é necessário permitir que eles se expressem através do choro, deixando aflorar o sentimento de dor, pois se isto não ocorrer, os alunos poderão ter dificuldades na realização das tarefas escolares.

Segundo Goleman (1995), “educar” as emoções e encorajar os alunos a fazerem o mesmo, é saudável e os tornarão capazes de lidar com suas próprias emoções, frustrações, angústias e medos, auxiliando no bom desenvolvimento cognitivo, emocional, intelectual e psicológico.

Para os profissionais da educação, adquirir a Inteligência Emocional pode trazer uma contribuição significativa para sua prática em situações de enlutamento individual e no luto coletivo, porque, nesse momento, as emoções devem ser bem tratadas para que o aprendizado possa fluir apesar das situações e dos conflitos.

O desenvolvimento da Inteligência Emocional na sala de aula é muito importante devido ao fato de as crianças não terem mais uma base segura de vida familiar, portanto, a escola é um dos principais recursos a que a sociedade recorre em busca de corretivos para as deficiências relacionadas às competências emocional e social. É necessário, ainda, que haja o respeito mútuo em relação aos sentimentos do eu e do outro.

O gestor e o professor devem saber como se sentem e serem capazes de expressar suas sensações e sentimentos e, só então, poder desvendar situações problemáticas e desenvolver um trabalho pedagógico eficiente e eficaz para o desenvolvimento intelectual, cognitivo, emocional e psicológico das crianças, independentemente da situação em que esteja passando mesmo sendo pelo luto, pela tristeza/dor da perda de um ente querido.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Delineamento do Estudo

Os dados necessários para a realização da pesquisa foram obtidos por meio da consulta a acervos bibliográficos físicos, com acesso a diversos livros, leis e revistas acadêmicas disponíveis; além do acesso a bibliotecas digitais e repositórios com artigos acadêmicos publicados em periódicos e sites.

Para a pesquisa de campo, os dados foram coletados através de um questionário elaborado com questões objetivas e discursivas que foi aplicado aos profissionais gestores de dez escolas municipais de Ensino Fundamental do município de Formiga/MG.

Todos os dados coletados, bibliográficos e os oriundos do instrumento pesquisa, foram tratados de forma qualitativa e quantitativa.

3.2 Tipo e abordagem de pesquisa

A metodologia utilizada neste trabalho apoia-se em uma pesquisa do tipo descritiva com abordagem qualitativa, por favorecer um entendimento aprofundado do contexto da Instituição de Ensino investigada por meio da análise dos dados.

De acordo com Lüdke e André (2003), os estudos qualitativos consideram os diferentes pontos de vista dos participantes, permitindo esclarecer o dinamismo interno das situações.

Todos os dados coletados, bibliográficos e os oriundos do instrumento pesquisa, foram tratados de forma qualitativa e quantitativa.

3.2.1 Caracterização das Instituições de Ensino investigadas

A aplicação dos questionários foi realizada em dez (10) escolas municipais de Ensino Fundamental da cidade de Formiga, localizada na região Centro-oeste de Minas Gerais. O município conta com uma estimativa de 65 mil habitantes com cerca de sete mil alunos matriculados no Ensino Fundamental, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018. O objeto da pesquisa foram os gestores - diretores e vice-diretores.

As instituições de ensino participantes foram as seguintes: Escola Municipal Professor Franklin de Carvalho, Escola Municipal Arlindo de Melo, Escola Municipal Paulo Barbosa,

Escola Municipal Florêncio Rodrigues Nunes, Escola Municipal Miralda Da Silva Carvalho, Escola Municipal Papa Pio XII, Escola Municipal Célia de Melo Eufrásio, Escola Municipal CAIC, Escola Municipal Lídia Braga e Escola Municipal Haydée Garcia Guerzoni.

A coleta aconteceu em 10 escolas da rede pública de ensino fundamental do município de Formiga-MG, Brasil. Ao gestor da Secretaria Municipal de Educação, foi entregue e assinada a Carta de Autorização; aos gestores das escolas municipais (Diretores), foram entregues e assinados por eles os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como os questionários, em que foi assegurado ao entrevistado o direito do sigilo.

Os Diretores foram informados sobre a pesquisa e responderam a entrevista de forma isolada, sem nenhuma influência, dentro do período compreendido entre novembro de 2020 a fevereiro de 2021.

As informações coletadas foram analisadas e, de forma descritiva, os resultados foram apresentados através de tabelas. A partir daí procedeu-se com uma discussão dentro de uma perspectiva analítica.

Baseado no tema principal desse estudo, o luto na escola, o questionário, composto por dez questões, procurou levantar dados sobre como os gestores trabalham o assunto dentro de suas instituições de ensino. Com o objetivo de sustentar as questões trabalhadas no estudo principal e também recolher informações sobre como é a relação dos profissionais e da escola frente ao tema morte e luto.

Das dez (10) escolas pesquisadas, serão apresentados o resultado de sete (07) instituições, aquelas que responderam em tempo hábil para a compilação e análise dos dados.

O questionário foi dirigido aos diretores que, em sua maioria, são mulheres. Ele foi enviado pela primeira vez em novembro de 2020, encaminhado via e-mail, como solicitado pelo secretário da educação municipal. Com o reduzindo número de respostas obtidas na época, apenas quatro, os questionários foram enviados novamente, desta vez de forma presencial, em fevereiro de 2021. Após esta nova intervenção, foram recebidos três novos questionários respondidos, totalizando sete (07) retornos.

3.3 Coleta de Dados

Na pesquisa de campo, optou-se pelo questionário, o qual, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos

elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Com isso, a entrevista contou com dez questões objetivas e discursivas. Por acreditarmos ser o mais adequado para a pesquisa e frente as dificuldades atuais, foi possível ao entrevistador e aos entrevistados, o envio dos questionários e de suas respectivas respostas através de meios virtuais.

Para a realização do estudo, foi realizada a sua submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Vale do Rio Verde - UninCor/MG, CAAE n° 37772220.8.0000.5158, sob parecer n° 4.373.403, seguindo as resoluções 196/96 e 466/12 do CNS.

O instrumento utilizado foi uma entrevista constituído por 10 questões semi-estruturadas que abordou a maneira como os assuntos morte e luto são tratados na escola, as dificuldades existentes ao abordar o tema e as possíveis soluções para trabalhá-los no contexto escolar. O questionário contou com total discrição sendo apenas mencionado o nome da instituição escolar, telefone e essas informações serão preservadas.

Os dados foram analisados pelo conteúdo e análise estatística, além da organização das respostas, que serão analisadas e interpretadas pelo responsável da pesquisa.

3.4 Análise de dados

Tabela 1 – Presença ou ausência de discussões sobre morte e luto

Diretora A	Sim.
Diretora B	Sim.
Diretora C	Não.
Diretora D	Sim.
Diretora E	Não.
Diretora F	Sim.
Diretora G	Sim.
Fonte: a autora (questionário)	

Com a primeira questão, pretendia-se identificar se, nas escolas em questão, havia conversa sobre morte e luto. Cinco (05) das escolas respondentes afirmaram que sim, outras duas (02) afirmam que não há conversa sobre o assunto.

Tabela 2 – Ações de acolhida existentes na escola

Diretora A	[...] precisamos estar preparados emocionalmente, para podermos ajudar nossos alunos. Ser um ombro amigo[...] são estratégias que podem dar resultados emocionais positivos aos que sofrem pela perda, tanto para os colegas, já que são todos afetados [...]
Diretora B	Uma acolhida amorosa, cheia de diálogo e também orientação aos funcionários e alunos sobre respeitar o momento [...]
Diretora C	Acolher com carinho estes alunos e confortá-los.
Diretora D	Uma conversa com o aluno, dizendo que sabemos da sua grande perda e que estamos abertos caso queira conversar. Mostrar também que a morte é um acontecimento natural [...]
Diretora E	[...] pedir ao professor da classe que evite falar sobre o assunto no momento de aula. Dizer ao aluno que a escola está ao seu lado para apoiar.
Diretora F	Diálogo e debate para que os alunos possam expressar seus sentimentos.
Diretora G	Conversa informal [...]
Fonte: a autora (questionário)	

Na segunda questão, pretende-se identificar como os gestores, ao presenciar alunos vivendo situações de luto, agiriam, colocando em prática ações de acolhida. As diretoras, em sua maioria, destacaram a execução de acolhidas amorosas e muita conversa. Apenas uma (01) disse que conversa com o professor da turma para não tocar no assunto.

Tabela 3 – Importância de abordar ‘morte e luto’ na escola

Diretora A	Importante.
Diretora B	Importante.
Diretora C	Irrelevante.
Diretora D	Importante.
Diretora E	Importante.
Diretora F	Importante.
Diretora G	Importante.
Fonte: a autora (questionário)	

Na terceira questão, pretende-se identificar se o diretor atribui importância ao tema para que ela seja abordado pela escola. Para isso, dispuseram-se de três possibilidades de resposta,

sendo elas: importante, não importante e irrelevante. Apenas uma (01) escola marcou esta ação como sendo irrelevante, as outras seis (06) referiram-se ao tema como importante.

Tabela 4 – Vivência anterior de morte e luto na escola

Diretora A	Sim, foi a perda de um colega de sala com 8 anos. Logo depois do ocorrido, a equipe pedagógica promoveu palestras explicando de forma lúdica como lidar com o luto.
Diretora B	Sim, uma situação especial em que um aluno do 5º ano perdeu o pai de forma brusca entrando o mesmo em choque e crise, contando aos poucos com o apoio de a escola [...]
Diretora C	Sim, quando um aluno morreu de acidente de moto e outro morreu soterrado no forno de cal.
Diretora D	Não.
Diretora E	Não.
Diretora F	Sim, mãe de aluno faleceu e foi um momento de muita tristeza e a escola foi fundamental para superar a perda.
Diretora G	Lutos por pais de alunos e parentes de funcionários. Fazemos visitas e acolhida ao ente.
Fonte: a autora (questionário)	

Com a quarta questão, anseia-se identificar se, na escola, alguma das diretoras já havia vivenciado alguma situação de morte e luto em sua escola. Caso a resposta fosse afirmativa, essa situação deveria ser descrita. Apenas duas (02) disseram que não, as outras cinco (05) restantes responderam afirmativamente à questão e, quando foram descritas as situações vivenciadas por cada uma, observou-se que muitos acontecimentos se deram de forma trágica e que envolviam colegas de sala, pais ou pessoas próximas.

Tabela 5 – Como abordar a morte e o luto na escola?

Diretora A	Deve ser abordado em sala de aula e deve ser abordado pelo gestor (diretor).
Diretora B	Deve ser abordado em sala de aula.
Diretora C	Deve ser abordado em sala de aula.
Diretora D	Deve ser abordado pelo gestor (diretor).
Diretora E	Deve ser abordado pelo gestor (diretor).
Diretora F	Deve ser abordado em sala de aula e deve ser abordado pelo gestor (diretor).
Diretora G	Deve ser abordado em sala de aula.
Fonte: a autora (questionário)	

Com a quinta questão busca-se esclarecer, na concepção do gestor, como o tema morte e luto deve ser abordado na escola. Os participantes dispunham-se de duas alternativas: deve ser abordado em sala de aula e deve ser abordado pelo gestor/diretor. Com essa pergunta, buscou-se entender quem deve ter o primeiro contato com o aluno enlutado. Três (03) gestoras responderam que essa abordagem deve ser feita em sala de aula, outras duas (02) que ela deve ser feita pela gestão. Enquanto as três (03) restantes marcaram que essa atenção deve partir tanto da sala de aula, quanto da gestão.

Tabela 6 – Sugestões para a melhor abordagem do tema

Diretora A	Usar o lúdico para abordar a criança. Trabalhar com filmes, textos palestras sobre o tema. Deixar a criança livre para se expressar e compartilhar seus sentimentos.
Diretora B	Projetos abordando temas como esse, momentos de reflexão com os alunos.
Diretora C	Abordar quando surgir o assunto e tratá-lo com muita clareza.
Diretora D	[..]não forçar conversas, deixar que ele se sinta a vontade, para conversar quando achar conveniente, orientar os colegas de classe, para não haver assuntos constrangedores, orientar professores sobre uma abordagem correta do tema, [...]
Diretora E	Conversa direto com alunos. Uso das aulas de Ensino Religioso para falar sobre o assunto de uma forma geral.
Diretora F	1º investigação por meio de relatos. 2º trabalhar o significado de perder uma pessoa e análise dos sentimentos e a reação e ponto de vista de cada aluno.
Diretora G	Trabalhar com histórias, vídeos, palestras onde esse tema seja abordado.
Fonte: a autora (questionário)	

Com a sexta questão, quer se identificar quais sugestões as diretoras apontariam para facilitar a abordagem do tema. As respostas foram diferentes, mas o lúdico foi recorrente nas respostas analisadas. Foram citadas abordagens por meio de filmes, vídeos, histórias e criação de projetos. Apenas uma (01) diretora descreveu que orienta a não forçar conversas, deixar que o aluno se sinta à vontade e que orienta alunos e professores a não falarem sobre, a fim de evitar assuntos constrangedores. A diretora C disse que o tema deve ser abordado apenas quando surgir necessidade e, nesses momentos, deve-se tratá-lo com clareza. Por fim, a diretora D apontou que o tema deve ser trabalhado na aula de Ensino Religioso.

Tabela 7- Dificuldades existentes na abordagem do tema pelos profissionais

Diretora A	É um tema difícil e desconfortável para se trabalhar com crianças por acreditar que elas são pequenas demais e não estão prontas para falar sobre o assunto. [...]
Diretora B	Não percebo dificuldade, pois tenho uma visão da morte como elemento de descanso.
Diretora C	As vezes falta informação.
Diretora D	Por se tratar de um tema sensível, há pouca abertura para trabalhar.
Diretora E	A religião de cada família, [...].
Diretora F	Imaturidade dos alunos.
Diretora G	Algumas religiões não permitirem a abordagem desse tema.
Fonte: a autora (questionário)	

Com a sétima questão, busca-se identificar quais as dificuldades existentes na abordagem do tema pelos profissionais. Uma (01) das participantes apontou que não percebe dificuldade, pois a morte é vista por ela como descanso. Duas (02) delas relataram que o tema é difícil e percebem dificuldades, uma (01) acrescentou, também, a pouca abertura existente para se trabalhar com a temática; e outra (01) acredita que as crianças são imaturas e não estão prontas para falar sobre o assunto. Religiosidade e falta de informação também foram apontadas.

Tabela 8 – A formação dos profissionais condiz com a importância da temática?

Diretora A	Sim, os profissionais da educação (equipe pedagógica) são formados para conhecer o seu aluno e tentar resolver qualquer situação com ética e profissionalismo, mesmo que seja com tamanha tristeza.
Diretora B	Não, pois muitos também passam por perdas similares e acabam ficando muito mais abalados em se deparar com tal situação.
Diretora C	Não.
Diretora D	Sim.
Diretora E	Não .
Diretora F	Alguns profissionais sim, outros não estão preparados para dialogar com os alunos sobre o tema.
Diretora G	Sim. Porém podem estar sempre aprimorando.
Fonte: a autora (questionário)	

Com a oitava questão busca-se, a partir do ponto de vista de cada diretor, questionar se os profissionais da educação têm formação suficiente para tratar o assunto. Três (03) delas

responderam que não e uma (01) complementou que muitos profissionais também passam por perdas similares e acabam se abalando mais com a situação. Outras três (03) afirmaram que sim, que os profissionais devem estar em constante formação, outra (01) destacou que seus professores e funcionários recebem formação para conhecer o aluno e tentar resolver situações. Por fim, uma (01) delas respondeu que uns tem preparação e outros não, mas não especificou.

Tabela 9 – É importante formar gestores e profissionais da educação para trabalhar ‘luto e morte’ na escola?

Na

Diretora A	Sim. Também é papel da equipe pedagógica ajudar os alunos que estejam vivenciando a situação de luto e prepará-los para enfrentar este momento.
Diretora B	Sim, todas as temáticas servem para preparar melhor gestores e profissionais auxiliando num melhor desenvolvimento do trabalho.
Diretora C	Sim.
Diretora D	A abordagem do tema é importante, mas não vejo necessidade de uma formação específica.
Diretora E	Sim, é um tema relevante que requer estudo e preparação, sendo que faz parte da vida de todo ser humano .
Diretora F	Sim.
Diretora G	Sim.
Fonte: a autora (questionário)	

na questão tem-se como objetivo identificar, a partir das respostas, se os gestores veem importância formar gestores e profissionais da educação para trabalhar com essa temática na escola. Apenas uma (01) diretora destacou que não vê necessidade de uma formação específica. O restante (06) afirmou essa relevância, sendo que, três (03) delas especificaram que este é um assunto que requer estudo e preparação, pois faz parte da vida e se preparar para abordá-las é essencial para realizar um bom trabalho no enfrentamento da situação.

Tabela 10 – A relevância de ter uma disciplina escolar específica para se trabalhar ‘luto e morte’ na escola

Diretora A	Sim. A criança deve se sentir acolhida no ambiente escolar e assim, enxergar que a escola pode ajudar a superar essa dor mesmo que seja com atividades pedagógicas ou uma simples conversa.
Diretora B	Não acho que uma disciplina, mas deveria ser trabalhado como temas transversais, principalmente na semana da Educação para a vida.
Diretora C	Não. Poderia ser trabalhado de forma interdisciplinar.
Diretora D	Não. Porque a mesma pode ser interdisciplinarizada com os outros conteúdos ou abordada em momentos oportunos.
Diretora E	Em minha concepção já existe uma disciplina (Ensino Religioso). Porque, o fato de perder alguém querido, pode afetar o aluno (a) durante as aulas.
Diretora F	Sim. A partir do momento em que você tem uma dinâmica ou organiza um tema e planeja bem, você consegue abordar e chegar ao objetivo proposto.
Diretora G	Sim. Pois é um tema que faz parte da nossa vida e ninguém ficará sem conviver com ele.
Fonte: a autora (questionário)	

Finalmente, com a décima questão busca-se identificar a relevância de se ter uma disciplina para trabalhar o tema e deveriam especificar sua resposta. Uma (01) delas apontou que, em sua concepção, já existe essa disciplina, apontando o Ensino Religioso como o momento dedicado à essas discussões. Três (03) delas acharam que não, que o tema deve ser trabalhado de forma interdisciplinar, como um tema transversal. Outras três (03) afirmaram que sim e ressaltaram a importância do aluno sentir-se acolhido, sem esquecer que o tema faz parte da vida de todos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de iniciar a discussão dos resultados, destaca-se o número baixo de devolutivas que a pesquisadora recebeu após o momento da coleta de dados. Com os sete (07) entrevistas recebidos foi possível observar que, além das várias tarefas do gestor dentro da escola e a consequente indisponibilidade apresentada, alguns gestores podem ter recebido a pesquisa com algum tipo de receio, considerando a importância do tema em questão. De fato, como Kovács (2012) conta, o contexto escolar ainda é resistente ao tema morte e luto.

4.1 Existência, ou não, de um diálogo escolar sobre ‘morte e luto’

Na primeira questão, o intuito era saber se as escolas têm, em suas práticas, o costume de conversar sobre o tema morte e luto com seus alunos. Segundo Torres (1999 *apud* PAIVA, 2011), afirma que a escola não é só um lugar de aprendizagem curricular, mas sim um lugar de intercâmbio social em que são trocas informações de todas as espécies para construção e desenvolvimento do caráter humano. Sendo assim, não somente um espaço de desenvolvimento, mas também um espaço de convivência, onde os alunos vão estabelecer relação não só com colegas, mas também com educadores.

4.2 A compreensão da gestão sobre a relevância da temática

Quando os gestores foram questionados a respeito de suas opiniões pessoais sobre a relevância de se abordar o tema em sala de aula. Das sete (07) repostas, seis (06) delas disseram que o tema é importante de ser abordado na escola e uma (01) - a diretora C - disse que a temática é irrelevante. Domingos (2003 *apud* PAIVA, 2011), destaca que o luto tem implicações no processo ensino-aprendizagem e interfere na questão pedagógica como, déficit de atenção e concentração entre outros devido à ansiedade e também na escolarização. Afirma, ainda, que a escola deve se preocupar não só em oferecer o conhecimento, mas também em suprir as necessidades emocionais de seus alunos. Por esse motivo é interessante que haja uma sensibilização na escola envolvendo a questão do luto, buscando apoio aos educadores e também propondo encaminhamento de alunos e familiares para centros especializados quando for necessário. Sendo assim, cabe a escola trabalhar diferentes temáticas do desenvolvimento humano, não esquecendo da morte e do luto que fazem parte da vida de todos.

4.3 A abordagem do tema ‘luto e morte’

Quando perguntados, na concepção de cada um levando em conta suas experiências, sobre como deveria ser feita a abordagem do tema, foram dadas duas opções: se ela deveria ser abordada em sala de aula ou pelo gestor (diretor). Duas (02) diretoras responderam que o tema deve ser trabalhado em sala de aula, outras duas (02) que o tema deve ser trabalhado pelo gestor (diretor) e outras três (03) que o tema deve ser trabalhado tanto em sala de aula quanto pelo gestor (diretor).

Os participantes destacaram que, para que o professor e gestores possam, de fato, auxiliar esta criança enlutada é necessário que seja feita uma preparação e uma conscientização deste profissional para lidar com inseguranças pessoais e possíveis medos para que possam abordar com seus alunos este assunto considerado tão difícil.

4.4 Ações de acolhida

Foi questionado às diretoras, caso elas ficassem frente ao tema morte e luto dentro da comunidade escolar, quais seriam suas principais ações de acolhida ao aluno. Observou-se que conversas e acolhidas carinhosas se repetem, independente da escola investigada. A diretora E, contudo, ressaltou ser necessário não falar sobre o assunto com o discente, mas informar que a escola está ao seu lado no enfrentamento de um momento de sofrimento. A diretora D, através das conversas, mostrou que a morte é um acontecimento natural da vida humana.

Para Naletto (2005) é preciso que o educador saiba dar tempo ao tempo e mostre-se pronto para apoiar a classe sempre que necessitar. Assim como, a instituição seja também compreensível com o aluno e seus familiares, estando aberta para a situação de luto.

Como afirma Kübler-Ross (1992) quem melhor reage e aceita a morte, é a pessoa que é encorajada a extravasar suas raivas, a chorar, a comunicar seus medos e fantasias e a falar a quem possa ouvir. Outras pessoas preferem não tocar no assunto, como declarou a diretora E, com a falsa esperança de não causar dor.

Percebe-se que a escola, ao ser contrária à relação de luto vivenciada pelo aluno, pode causar danos que não são mensuráveis, pois, ao ignorar abandona-se o discente à sua dor. Conforme diretora D, Torres (2012) afirmou que não se deve esquecer que a morte faça parte da vida, não tem como se ausentar de sua existência, seja negando-a ou apenas não se lembrando de que ela exista.

Quando o adulto tem o pensamento de que a criança não compreende a morte, isto favorece a atitudes inadequadas como, por exemplo, evitar o assunto. Nunes (1998) acrescenta que as crianças podem acreditar que o familiar que morreu permanece vivo e que nas semanas que seguem a criança pode apresentar tristeza profunda, e que se evitar demonstrar tristeza ou a longo prazo evitar a morte da pessoa querida por ela pode vir a ter problemas no futuro. A raiva também é uma reação esperada na perda de alguém essencial, que pode vir a se manifestar em comportamentos irritadiços, medo, agressão aos familiares que ficaram e outros. Porém, Nunes (1998) fala, ainda, que a reação da criança ao luto depende bastante de como as pessoas próximas a ela abordarão essa questão nas semanas e meses que sucederão a perda.

4.5 Vivência de situação de morte no ambiente escolar

Na segunda questão, as diretoras A, B, C, E, e F afirmaram que já passaram por situações de morte na escola. Esta vivência ocorreu de forma brusca com a perda de alunos, pais de alunos e outros inseridos no ambiente escolar, porém procuraram buscar recursos para apoiar o aluno. De acordo com Bowlby (1990 *apud* PAIVA, 2011), é válido salientar que a morte dos pais, para a criança, é algo que causa maior impacto, porque dificilmente o mundo será como antes. Nesse caso, a criança pode permanecer na fantasia ligada ao progenitor morto, investir a libido em atividades, temer amar outras pessoas e ou aceitar a perda e encontrar outra pessoa para amar.

4.6 A relatividade em lidar com o luto

Ao analisar a sétima questão foi possível concluir que a dificuldade em lidar com o luto é um processo relativo, segundo os entrevistados que relataram ter dificuldades. De acordo David Knapman (1999), o luto é um processo que tem vários estágios, porém a criança como o adulto tem suas particularidades e, por isso, nem sempre passa esses estágios com tranquilidade.

Conforme descrito pelas diretoras A e F, em conformidade com Torres (2012), conforme a idade cronológica, cada criança interpretará o conceito morte de maneiras diferentes.

Ao se observar o relato das diretoras E e G, cabe ressaltar que a escola deve trabalhar assuntos de forma laica. Pois, ao apoiar e participar desse estágio vivido pelo aluno, não há

necessidade de envolver-se ao religioso, e sim, ao humano e tratando como ciclo da vida. Deixar que em família o aluno passe por esse processo junto a religiosidade.

A fala da diretora B vai de encontro a Goleman (1995), ao educar suas próprias emoções e encorajar alunos ao fazerem o mesmo. Essa ação é boa e os tornarão capazes de lidar com suas próprias emoções.

Com as dificuldades apresentadas na sétima questão, vimos que a necessidade de construção de um espaço escolar em que a equipe pedagógica, gestores, supervisores e professores precisam aprender a acolher e dar suporte ao aluno enlutado. Não se pode ignorar que o luto e a morte acontecem e, sendo assim, faz-se necessário uma formação abrangente.

Quando à diretora D, ela ressalta a falta de informação e, diante disso, pode-se destacar a falta de formação. Segundo Naletto (2005) a escola deve estar aberta a dor e preparar a instituição escolar como um todo.

4.7 O preparo dos profissionais da escola

Hoje a escola trata de assuntos como a sexualidade, preconceitos, pluralidade cultural, mas ainda se esquivava em falar sobre a morte. Para tanto, como observou-se na oitava questão é necessário o preparo dos profissionais da escola, Torres (1999) afirma que uma resposta inadequada ou a ausência de resposta frente a uma indagação sobre a morte, pode muitas vezes, fragilizar ou até mesmo romper a integridade psíquica de uma criança.

A partir dos pressupostos expostos na nona questão, acredita-se que exista a necessidade de capacitar, preparar e apoiar a busca de conhecimentos voltados a uma educação para a morte, pois, segundo Wottrich (2009), essas reflexões voltadas à educação para a morte possam contribuir na construção da cidadania no contexto escolar.

Imaginar uma escola, que hoje tenha este preparo para profissionais, onde eles estejam preparados para abordar o tema desta forma com os seus alunos é relativamente difícil, uma vez que vemos uma realidade onde professores se esquivam, gestores se omitem e todos acreditam que o luto se dá por si só, ou seja, da mesma maneira que ele chegou, irá embora.

Sendo assim, é importante que a equipe escolar esteja atenta às necessidades das crianças, e a morte e o luto são uma delas. Deve-se ultrapassar barreiras já postas, a fim de contribuir para construção de discussões que são necessidades dos seus alunos.

4.8 A morte e o luto como questões transdisciplinares

Com a questão dez, percebe-se que é possível afirmar que a temática pode ser trabalhada de em várias disciplinas, de maneira transdisciplinar. Com o produto técnico tecnológico confeccionado iremos trabalhar algumas maneiras possíveis e dar subsídios aos gestores e professores.

Segundo Paiva (2011) o tema morte deve fazer parte dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais e durante as aulas, podendo ser trabalhados em diferentes disciplinas. Respeitando a faixa etária, nível de série, com uma comunicação clara e aberta, com boas explicações observando o desenvolvimento da criança no emocional e intelectual. Ela mostra exemplos de como incluir essa temática no âmbito escolar:

Relaciono algumas disciplinas que poderiam incluir a temática da morte em seu programa: — Português/ Literatura: adotar livros que tratem da temática da morte como instrumentos facilitadores para discussões e reflexões; explorar o gênero literário na biografia; na produção de textos. — História: contextualizar a morte no processo histórico quando se referir sobre conflitos, guerras, revoluções; introduzir biografias de personagens históricos importantes. — Ciências/ Biologia: abordar a vida e a morte quando estudam plantas, animais, seres vivos, ecologia/ecossistema, desenvolvimento humano, doenças, saúde e cuidados, estações do ano. — Filosofia e Religião: abordar a morte nas diferentes crenças religiosas, culturas, rituais, bem como as diversas posturas adotadas ao longo dos séculos: violência, drogas, prevenção de acidentes. — Artes: propor desenhos e pintura, trabalhos em argila e/ou massinha; incentivar o conhecimento de obras de arte relacionadas à vida e à morte; incentivar diferentes expressões artísticas (dança, teatro) que abordem o tema da vida e da morte. — Atividades extras: jogos e brincadeiras, filmes, teatro, excursões [...] (PAIVA, 2011, p. 203).

Notou-se que há uma grande variedade de recursos para nortear o professor em sua prática pedagógica, porém, podemos verificar que utilizam o que tem aprendido na prática, fazendo uso de meios e recursos que estão ao seu alcance e que fazem parte do contexto social em que seus alunos estão inseridos.

Por fim, considerando os resultados obtidos nesse estudo, ressalta-se a importância e reforça-se a pertinência do tema que foi evidenciado por meio de cada discussão destacando a necessidade de informação e formação dos envolvidos no ambiente escolar.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO TÉCNICO TECNOLÓGICO

Elaborado com uma linguagem clara e objetiva, a sequência didática permite, ao profissional de educação, o entendimento do tema e as sugestões de uso propostas, por meio da apresentação sites, planejamentos, aulas e bibliografias. O trabalho foi desenvolvido pensando em diversas maneiras para que a escola trabalhe e conheça o tema utilizando, para isso, a ludicidade.

O produto apresentado nesta seção foi criado a partir das revisões bibliográficas apresentadas e das análises e dados obtidos por meio do questionário. Ao analisar as questões que envolvem o tema, optou-se por propor diversas atividades interativas no trabalho a fim de possibilitar o envolvimento da escola com o tema e o poder de escolha sob suas perspectivas e seus alunos.

5.1 Avaliação do Produto Técnico Tecnológico Desenvolvido

Os membros da instituição que se dispuseram a participar da realização dos questionários foram convidados a analisar o produto em questão. Após a apresentação via e-mail, do trabalho, foram recebidas cinco (05) respostas, sobre o seguinte questionamento: Como gestor escolar, qual sua percepção sobre o material apresentado?

Quadro 2 – Compilado das percepções dos gestores escolares

Diretora A	O material apresentado têm informações claras e precisas, que serão úteis para trabalhar um tema tão delicado na escola.
Diretora B	Este material foi enriquecedor, pois traz vários conceitos para a escola. E, como gestora, posso saber mais sobre o assunto.
Diretora C	Muito bom.
Diretora D	O material em questão, será um facilitador para tratar o tema. Conta com sugestões transdisciplinares e trabalha com os livros infantis, que os alunos gostam e podem se sentir acolhidos.
Diretora E	Gostei do material. A partir dele posso propor módulos com a minha equipe pedagógica, e trazer mais conhecimento em um momento tão delicado.

Fonte: a autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta pesquisa foi tentar compreender como é abordado o luto infantil dentro do contexto escolar por meio de levantamentos teóricos e entrevistas que fundamentassem estas questões.

Após a realização das pesquisas bibliográficas e da aplicação dos questionários foi possível constatar, como verídica, a hipótese levantada no início desta pesquisa: de que a morte pode ter diversos significados, desde um vínculo rompido a uma passagem em que todos passarão e que precisarão de apoio para enfrentar a dor da perda.

Assim, salienta-se a importância das relações familiares e escolares como contribuição para a vivência deste processo. Por isso, faz-se relevante que a escola constitua uma rede de apoio para os estudantes enlutados.

Após as reflexões apresentadas nas seções anteriores notou-se que luto *versus* família *versus* escola são questões indissociáveis e indispensáveis e que devem ser paralelamente trabalhadas quando a criança se encontrar em profunda tristeza causada pela perda de alguém muito querido.

Ao levantar a questão sobre educar as crianças para a morte encontrou-se suporte teórico para a inclusão da Educação para morte, mas é preciso entender que não é somente buscar apoio e suporte técnico para lidar com questões delicadas como o luto infantil, é importante que o professor se encontre preparado para as situações diversas, possíveis questionamentos e expressões exacerbadas de emoções, buscado equilíbrio entre o bom senso e seu comportamento psicológico.

Apesar de o apoio ser algo importante é válido ressaltar que o luto é sempre um processo subjetivo e que possui estágios que devem ser respeitados, já que cada pessoa possui suas particularidades. Entretanto, o luto pode ser complicado e durar mais tempo do que o devido para sua saudável elaboração, o que compromete a saúde mental do sujeito, acarretando danos às dimensões físicas, psíquicas e sociais. O luto é um processo de adaptação a uma perda e ele pode ser longo, dolorido, somente amenizado com o tempo e o apoio de pessoas próximas.

Na análise das respostas dos questionários evidenciaram-se às seguintes situações que aqui tentamos reunir enfeixando as respostas de maneira mais didática possível:

- A maioria das escolas ainda não dão importância ao tema e não registraram iniciativas interventivas a respeito da temática;

- Raramente, são encontrados relatos de pessoas que afirmam estar preparadas psicologicamente para lidar com a morte e com as dores que ela causa nos indivíduos. Da mesma forma os educadores, ao dizer que estão realmente preparados para apoiar, incentivar e trabalhar com educandos que estejam limitados psicologicamente por causa de traumas como o luto é mesmo um erro/falha profissional;
- Observou-se, também, que a morte está sim muito presente no ambiente escolar e que o professor pode se apoiar em alguns recursos para abordar a temática em sala de aula com seus alunos, estando eles passando pelo luto ou apenas como uma forma de prevenção;
- Notou-se, através das leituras realizadas até o presente momento, que o luto pode ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento humano. Para as crianças, especificamente, ele é extremamente delicado, porque, ao contrário do que muitos pensam, criança também fica de luto;
- A escola seja uma rede de apoio aos seus estudantes enlutados, embora as respostas ao questionário tenham revelado que muitas delas ainda não dão a devida importância ao tema;

Diante de tudo isto, depara-se com o questionamento de como a escola pode oferecer apoio às crianças enlutadas. Entende-se que é importante falar em prevenção, investindo, assim, na capacidade da escola como um todo, para encarar a dor em situação de morte e outras perdas. As pessoas têm a ideia de que escola é um ambiente de vida, de crescimento e desenvolvimento, mas a escola não está isenta de enfrentar a morte como um problema rotineiro, é necessário que a equipe escolar tenha condições para agir no enfrentamento do luto, seja ele direto ou indireto na vida da escola.

Embora muitas opiniões dos gestores da pesquisa tenham sido favoráveis quanto ao conceito de que é papel da escola e do educador apoiar crianças enlutadas no ambiente escolar, pode-se afirmar, antes de tudo, que é necessário que o gestor se sinta incomodado com a situação e coloque-se na posição de busca de conhecimento para enfrentar o problema lado a lado com seus alunos. Nesse caso, o gestor torna-se um agente transformador aliado à prática pedagógica que é, sem dúvida, um elemento importante na transformação da escola. Entendendo essa possibilidade de transformação do homem na sociedade é preciso pensar em uma pedagogia diferenciada, pois diferenciar é ter disposição de buscar novas estratégias que visam uma aprendizagem que atenda aos alunos com diferentes necessidades.

Verificou-se, por meio da coleta de dados, que não há uma receita a ser dada aos educadores e gestores, mas assim como foi observado na fala das diretoras que fazem uso de métodos e adequações à realidade para tratar do assunto com seus alunos, ou seja, todos devem buscar essas condições, sempre respeitando o meio em que esta criança está inserida, além de outras situações, mas pode-se pensar em desenvolver planos de aula, projetos pedagógicos, entre outros. Estas sugestões estão compiladas no Produto Técnico Tecnológico, apresentado na sessão cinco deste trabalho.

Percebe-se, diante desses fatos, que as instituições de ensino não estão aptas a apoiar crianças em meio ao luto, sendo necessária uma possível mudança na grade curricular do curso de pedagogia para dar um suporte teórico aos profissionais da educação.

Diante desta pesquisa sobre o luto infantil e a abordagem sobre a morte no contexto escolar, a pesquisadora deparou-se com algumas formas de recursos para auxiliar o profissional da educação, sendo eles elencados e demonstrados no Produto Técnico Tecnológico, a fim de viabilizar a ação pedagógica do professor e/ou gestor escolar, frente a formação continuada e desempenho com a lida dessas situações.

Ao falar e trabalhar com o tema da morte e a questão do luto. Existem, por exemplo, cursos que são oferecidos gratuitamente. Entre eles está o Programa de Educação Emocional destinado a crianças de seis a sete anos de idade, o LEM (Laboratório de Estudos sobre a Morte), o Instituto de Psicologia Quatro Estações (Suporte Psicológico para Situações de Perdas e Lutos) e a literatura infantil, que se apresentaram como parte do produto da pesquisa aqui representada.

Um dos recursos que o educador pode apoiar-se é a aplicação da Literatura Infantil. Existe, atualmente, uma vasta bibliografia literária para trabalhar educação para morte nas escolas. Entre eles, destaca-se “O dia em que o passarinho não cantou” e o “Os dinossauros também morrem”, cujos conteúdos são ricos em informações para serem trabalhadas com as crianças, como a abordagem da morte no contexto escolar. Esses livros trazem, de forma lúdica e compreensível, inúmeras questões acerca da morte.

Em consonância com Martin (1999), afirma-se que não há regras para lidar com crianças, o mais importante é que os adultos que as atendam compreendam seus próprios sentimentos e crenças, preparando-se para enfrentar essa condição difícil com honestidade e empatia. Por esse motivo, salienta-se que esse tema deva ser mais valorizado, principalmente por profissionais da educação.

Outro ponto forte da pesquisa é a relevante importância que os educadores devem dar à questão do preparo. É algo que não se pensa para a vida profissional, afinal, falar de morte não é algo atraente para ninguém, mas é inconcebível pensar a vida sem pensar na morte - na verdade o que se deve pensar é em uma educação para vida, que prepare para o fim dela e para lidar com as dificuldades e temores que ela causa.

Enquanto pesquisadora, na elaboração da presente pesquisa, houve uma incessante busca de conhecimento e que não se finda aqui nestas considerações finais. A intenção é que esse Trabalho de Conclusão de Curso seja apenas porta de entrada para futuras pesquisas que venham a aprimorar nossas conclusões.

Embora saiba-se que a vivência, em sala de aula, das dores e dificuldades que a perda por morte pode causar a uma pessoa seja latente, compreende-se que elas podem ser superadas, ou não.

Todavia, caberá a cada pessoa aflorar todo conhecimento que foi adquirido e que está entranhado dentro de cada um, para aliá-lo à práxis e lutar para enfrentar, sem medo, as situações que possam vir acontecer. Que os educadores não se conformem com menos do que os alunos merecem; mas sim, façam parte de uma geração de educadores que se incomodam, oferecendo aos seus alunos muito mais do que eles merecem: o direito à vida.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. A percepção da morte nas crianças. In ABERASTURY A. (Org.). **A percepção da morte na criança e outros escritos**. Trad. M. N. Folberg. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

AGUIAR, Marília F. A morte de si mesma: a criança gravemente enferma. In: MAZORRA, Luciana; TINOCO, Valéria. (Orgs.). **Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos**. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

ALVES, Elaine Gomes dos Reis; KOVACS, Maria Júlia. Morte de aluno: luto na escola. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, 20, n. 2, p. 403-406, ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000200403&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 jul. 2019.

AQUINO, R, A, A; AGUIAR, A, A; VASCONCELOS, S, X, P; SANTOS, S, L. Falando de morte e da finitude no ambiente escolar: um estudo a luz do sentido da vida. **Psicologia. Ciência e Profissão**, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.com>. Acesso em: 20 jul. 201

ARIÈS, Phillipe. **A história da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ARIÈS, Phillipe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.

BERNZ, V, B. **Luto nas escolas: uma questão a se trabalhar**. Universidade do Vale do Itajaí. Biguaçu. 2012. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Verônica%20Barbara%20Bernz.pdf>. Acesso em: 03. set. 2019.

BERTHOULD, M. H. P. F.; BROMBERG & COELHO M. R. M.. **Ensaio sobre formação e rompimento de vínculos afetivos**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1998.

BOWLBY, J. Perda: tristeza e depressão. In.: **Apego e perda**. . São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Vol. 3).

BOLASÉLL, L. T. *et al.* **O processo de luto a partir das diferentes perdas em tempos de pandemia**. Porto Alegre: PUCRS, 2020.

BOWLBY, J. **Uma Base Segura** - Aplicações clínicas da teoria do apego. Trad. S. M. Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 20 jul. 2020.

BRASIL. **PROJETO de vida: ser ou existir?** [S.I.]: Base Nacional Comum Curricular - MEC, [2017?]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/200-projeto-de-vida-ser-ou-existir?highlight=WyJmYW1cdTAwZWRSaWEiLCJlc2NvbGEiXQ>. Acesso em: 29 set. 2019.

CARR, D.; BOERNER K.; MOORMAN, S.. Bereavement in the Time of Coronavirus: Unprecedented Challenges Demand Novel Interventions. **Journal of Aging & Social Policy**, v. 32, n. 4-5, 425-431, 2020.

CARVALHO, Francisco de Assis. **Entre a morte, a palavra e o chão**: memória, sentimento e luto nos cemitérios de São João Del Rei. 2014.175f.Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) PUC-SP, São Paulo, 2014.

CHIAVENATO, J. J. **A morte**: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

CREPALDI, M. A. *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 2020.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida *et al.* O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 509-533, set. 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142020000300509&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2021.

DOMINGOS, B.; MALUF, M. R.. Experiências de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n.3, p. 577-589, 2003.

EDUCAÇÃO para a morte: quebrando paradigmas. Nova Hamburgo Sinopsy Editora, 2021.

ESSLINGER, Ingrid; KOVÁCS, Maria J. **Adolescência**: vida ou morte? São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRANCO, M. H. P. **Estudos avançados sobre o luto**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2002.

FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 24, n. 4, out./dec., 2007.

FREITAS, N. K. **Luto materno e psicoterapia breve**.. São Paulo, SP: Summus. 2000. (Coleção nova busca em psicoterapia, Vol. 60).

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Edição standard das obras completas de Sigmund Freud.. Rio de Janeiro: Imago, 1984. (Vol.14)

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: KEHL, Maria Rita *et al.* **Luto e melancolia**: Sigmund Freud. Trad., introdução e notas Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FRONZA LP; QUINTANA AM; WEISSHEIMER TKS; BARBIERI A. O tema da morte na escola: possibilidades de reflexão. **Barbarói**, n. 43, p. 48-71, 2015.

FUKUMITSU, K. O. **Uma visão fenomenológica do luto**: um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano. São Paulo: Livro Pleno, 2004.

GIACOIA, J. O. **A visão da morte ao longo do tempo**. 2005. Disponível em: <http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/93172/1/2-s2.0-23944478400.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Taxa bruta de mortalidade por mil habitantes**: 2000 a 2015. 2013. Disponível em: <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25. set. 2019.

KOVÁCS, Maria J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KOVÁCS, Maria J. **Laboratório de estudos sobre a morte-Home**. USP: São Paulo, 2000. Disponível: <http://www.lemipusp.com.br/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

KOVÁCS, Maria J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KUBLER ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARQUES, Patricia Regina Moreira. **Pedagogia da morte**: a importância da educação sobre luto nas escolas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MARTIN, Annabel. Crianças com doenças que apresentam risco de vida. In: ALSOP, Pippa; MCCAFFREY, Trisha. (Orgs.). **Transtornos emocionais na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

NALETTO, Ana Lúcia. Morte e luto no contexto escolar. In: MAZORRA, Luciana; TINOCO, Valéria. (Orgs.). **Luto na infância**: intervenções psicológicas em diferentes contextos. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

OLIVEIRA, João Batista Alves de; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **Psicol. estud.**, v. 13, n. 2, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200003>. Acesso em: 20 jul. 2020.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para as crianças**. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

PANGRAZZI, Arnaldo. **Conviver com a perda de uma pessoa querida**. Trad. Floriano Tescarolo. .3 ed. São Paulo: Paulinas Editora, 2009.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta.

Tradução Maria Helena Franco. 3 ed. São Paulo: Summus, 1998. (Novas Buscas em Psicoterapia, Vol. .56).

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE (UninCor). **Regimento programa de mestrado profissional gestão, planejamento e ensino**. UninCor. Três Corações – MG, 2017.

Disponível em:

https://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado_gestao_planejamento_ensino/regimento-programa-mestrado-gestao-planejamento-ensino.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

SANTOS, M. S. R. **O sentido da perda na cidade**. João Pessoa: UFPB 2000. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/00-santos>. Acesso em: 15. set. 2019.

SARTORI, Antonia Aparecida Kroll. **Luto na escola: uma realidade a ser enfrentada**. 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21827>. Acesso em: 15 set. 2019.

SOARES, Edirrah Gorett Bucar; MAUTONI, Maria Aparecida de Assis Gaudereto. **Conversando sobre luto**. São Paulo: Ágora, 2013.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M.. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 35, e35412. Epub July 04, 2019.

TADA, I. N. C.; KOVACS, M. J.. Conversando sobre a morte e o morrer na deficiência. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, n. 1, p. 120-131, 2007.

TAVARES, Gláucia. **Do luto à luta**. Minas Gerais: Casa de Minas, 2001.

TEIXEIRA, Ana. O luto na era COVID-19. **Portal Saúde Bem-Estar. Blog [online], Caderno de Psicologia**, 2020.

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte: desafios**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

VILAR, M. **Luto e morte: uma pequena revisão bibliográfica**. João Pessoa: UFPB, 2000. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/01-vilar.htm-25>. Acesso em: 16 set. 2019.

VOLPI, José Henrique. **Mecanismos de defesa**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

WORDEN, J. William. **Terapia no luto e na perda: um manual para profissionais da saúde mental**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.

WOTTRICH, S, H *et al.* **Educação para a morte na escola: aproximações sobre o tema em sala de aula**. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.com>. Acesso em: 20 set. 2019.

APÊNCICE A – CARTA DE AUTORIZAÇÃO**Geral à Instituição**

Três Corações, _____ de _____, 2019.

Ilmo (a). Sr. (a) Diretor (a) _____

Gleucimar Romana Faria, aluna do curso de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino, da Universidade Vale do Rio Verde UninCor, situada na cidade de Três Corações, MG, sob orientação do Professor Dr. Francisco de Assis Carvalho, está realizando uma pesquisa intitulada “Morte e luto na escola: como lidar com esta realidade pós-pandemia”, com o objetivo de mostrar a importância e a realidade do tema nas escolas, a fim de oferecer subsídios aos professores/gestores na lida das situações de morte e luto.

Solicitamos sua autorização para que seja feito o levantamento de dados e realização da pesquisa nesta instituição.

Esclarecemos que a pesquisadora obedecerá às normas da Resolução n° 196/96 do Conselho Nacional da Saúde do Ministério da Saúde, bem como na ética e moral empresa.

Agradecemos a atenção.

Atenciosamente;

Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola
Coordenador adjunto

Prof. Dr. Francisco de Assis Carvalho
Orientador
Telefone: 35 98708-1865
prof.francisco.carvalho@unincor.edu.br

Gleucimar Romana Faria
Aluna, Mestranda
Telefone: 37 99908-8410
gleufaria1995@hotmail.com

APÊNCICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome: Gleucimar Romana Faria

CPF: 125.605.866-14

As informações contidas neste prontuário visam firmar acordo por escrito, mediante o qual o próprio sujeito objeto de pesquisa, autoriza sua participação, com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos e riscos a que se submeterá o participante, com capacidade de livre arbítrio e sem qualquer coação.

I - TÍTULO DO TRABALHO EXPERIMENTAL:

Morte e luto na escola: como lidar com esta realidade pós-pandemia.

Pesquisador Responsável: Gleucimar Romana Faria

II - OBJETIVOS

Mostrar a importância e a realidade do tema na escola, a fim de oferecer subsídios aos gestores na lida das situações de morte e luto.

Objetivos Específicos:

- Realizar pesquisa sobre a relação morte-luto-escola;
- Descrever formas de auxiliar os gestores para lidar de maneira saudável com a morte e luto;
- Analisar a forma de como a escola lida com a realidade da morte/luto;
- Avaliar as escolas envolvidas no estudo quanto a abordagem do tema Morte e Luto no contexto educacional.

III - JUSTIFICATIVA

Acredita-se que a abordagem da morte e luto nas escolas tem grande relevância na atualidade, pois segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no Brasil acontecem cerca de 3500 mortes por dia. Número que aumentou de maneira significativa com a pandemia, que conforme noticiários só no Brasil já ultrapassam as 100.000 mil mortes. Diariamente várias pessoas iniciam o processo de luto. A criança desde muito jovem encara a morte como um tabu, os adultos tentam a todo instante privar-lhe do sofrimento. Dessa forma, o tema aqui apresentado é importante para os gestores e educadores uma vez que no ambiente

escolar constantemente existem crianças passando pela situação de luto e ainda há uma resistência e falta de preparo para se abordar o assunto na área escolar.

IV - PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

AMOSTRA:

Diretores das escolas municipais as quais oferecem o ensino fundamental na cidade de Formiga MG.

EXAMES:

Será aplicado um questionário a gestores de instituições educacionais públicas do Ensino Fundamental no município de Formiga MG. Os resultados serão avaliados de maneira qualitativa e quantitativa.

V - RISCOS ESPERADOS

A pesquisa respeita a Resolução CNS 196/96, e 466/12 referente à integridade e respeito ao ser humano. Mas os possíveis riscos são os gestores não responderem o questionário, responder parcialmente ou omitir informações nas respostas.

VI – BENEFÍCIOS

Oferecer subsídios aos gestores para lidar com situações de morte e luto.

Elaboração de um material de apoio pedagógico que seja útil para que os gestores e profissionais da educação trabalhem com a questão.

Mostrar a importância e a realidade desse tema em sua relação com a escola.

VII - RETIRADA DO CONSENTIMENTO

O próprio sujeito tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

VIII – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

Caso não haja aceitação por parte da população-alvo em participar das entrevistas individuais será possível discutir o delineamento do projeto, suspendê-lo ou mesmo encerrá-lo.

IX - CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

PARTICIPANTE MAIOR DE IDADE

Eu Gleucimar Romana Faria, certifico que, tendo lido as informações acima e suficientemente esclarecido (a) de todos os itens, estou plenamente de acordo com a realização do experimento. Assim, eu autorizo a execução do trabalho de pesquisa exposto acima.

Três Corações, 20 de outubro de 2020.

NOME (legível) _____

RG _____

ASSINATURA _____

ATENÇÃO: A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa da Unincor. Endereço – Av. Castelo Branco, 82 – Chácara das Rosas, Três Corações – MG.

No caso de qualquer emergência entrar em contato com o pesquisador responsável no Departamento de, Prof. Dr. Francisco de Assis Carvalho. Telefones de contato: 035 98708-1865

Prof. Dr. Francisco de Assis Carvalho	Orientador	(35) 98708-1865
Gleucimar Romana Faria	Mestranda	(37) 99908-8410

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO

MORTE E LUTO NA ESCOLA: COMO LIDAR COM ESTA REALIDADE PÓS- PANDEMIA?

Aluna Mestranda: Gleucimar Romana Faria

Professor Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Carvalho

Resguardamos o direito de sigilo do participante, seu nome ou nome da Instituição não aparecerá em nenhuma fonte de informação ou resultados do trabalho. Os resultados serão analisados de maneira global e posteriormente informados aos interessados.

Parte Estruturante

1. Em sua escola há conversa sobre morte e luto?
 SIM NÃO
2. Como gestor escolar ao defrontar-se com alunos vivenciando situações de morte e luto quais seriam suas principais ações na acolhida desse discente na escola?

3. O que você acha deste tema ser abordado pela escola?
 Importante Não importante Irrelevante
4. Você já vivenciou uma situação de luto e morte em sua escola? Descreva-a.

5. Em sua concepção como o tema deve ser abordado?
 Deve ser abordado em sala de aula
 Deve ser abordado pelo gestor (diretor)
6. Quais sugestões você apontaria como gestor para facilitar a abordagem do tema?

7. Que dificuldades existem na abordagem deste tema?

8. Em seu ponto de vista os profissionais da educação possuem formação suficiente para tratar desse assunto?

9. Você acha importante formar gestores e profissionais da educação para trabalhar com essa temática nas escolas?

10. Em sua concepção é relevante ter uma disciplina que aborde esse tema nas escolas? Por quê?
